

LUCIANA CORRÊA MATIAS

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

CORPORAIS NO *DICCIONARIO BILINGÜE DE USO*

ESPAÑOL-PORTUGUÉS / PORTUGUÊS-ESPAÑHOL (DiBU)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Área de concentração única: Processos de Retextualização. Linha de pesquisa: Lexicografia, tradução e ensino de línguas.

Orientador: Prof. Dr. Philippe René Marie Humblé

Florianópolis, junho de 2008.

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em
Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),
como pré-requisito para obtenção do grau de
MESTRE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO
Área de concentração única: Processos de Retextualização.
Linha de pesquisa: Lexicografia, tradução e ensino de línguas.

Aprovada em sua forma final pelo
Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução
da Universidade Federal de Santa Catarina

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Philippe René Marie Humblé
(Orientador)

Prof. Dr^a. Cleci Regina Bevilacqua
(UFRGS)

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
(UFSC)

Prof. Dr^a. Andréia Cesco
(Suplente)

À minha mãe Lúcia,
ao meu irmão Adriano (*in memoriam*)
e ao meu amor Janilton,
por tudo o que representam
em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, no âmbito acadêmico ou pessoal, me auxiliaram na elaboração dessa dissertação. Agradeço especialmente aos que compreenderam minha ausência, minha ansiedade e, acima de tudo, acreditaram na realização desse sonho.

Agradeço inicialmente ao meu orientador, professor Dr. Philippe Humblé, pela confiança depositada, pela orientação bem-humorada e pela compreensão de minhas limitações. Ainda no âmbito acadêmico, agradeço aos professores Drs. Meta Elisabeth Zipser e Heronides Maurílio de Melo Moura pela participação na banca de qualificação e aos componentes da banca examinadora do trabalho final, pelas correções e sugestões.

Agradeço, ademais, às gestoras da E.E.B. Cecília Rosa Lopes, Amanda, Mônica e Guta, por disponibilizarem tempo para que eu pudesse cumprir com as obrigações acadêmicas. Estendo o agradecimento aos colegas dessa instituição que me motivaram a continuar a trajetória, especialmente aos expectadores de minhas angústias: Bel, Ede, Marilda, Paula e Rubem.

Agradeço imensamente aos meus fiéis escudeiros, André, Elaine, Flávia e Karina, e seus respectivos companheiros, Renata, Adri, Onda e Rapha, pela valiosa amizade, pelos momentos de descontração, de estudo e pelos exemplos diários de superação.

Agradeço as palavras de ânimo das amigas Carla, Carmen, Gorete, Júlia, Lucilene e Soraia, a carinhosa orientação da amiga Vicky, a hospedagem atenciosa de dona Geny e a alegria indispensável das crianças de minha vida.

Não poderia deixar de agradecer à minha mãe, Lucia, pelo amor incondicional, pela educação rigorosa e ao mesmo tempo carinhosa, ao meu irmão Adriano (*in memoriam*) e à tia Neneth por depositarem em mim um desejo inexplicável de seguir em frente.

Por fim, agradeço ao meu esposo Janilton pela dedicação, pelo carinho, pela paciência e, sobretudo, por ter sido o maior incentivador desse trabalho.

A vocês, minha eterna gratidão.

Usted aprende
y usa lo aprendido
para volverse lentamente sabio
para saber que al fin el mundo es esto
en su mejor momento una nostalgia
en su peor momento un desamparo
y siempre siempre
un lío.

Mario Benedetti

RESUMO

Esta dissertação consiste no estudo de dez expressões idiomáticas (EIs) corporais inseridas no volume espanhol-português do *Diccionario Bilingüe de Uso Español-Portugués Português-Espanhol (DiBU)*. Objetivou-se verificar se essas EIs, tanto na língua espanhola quanto na tradução ao português, refletem o uso real, uma vez que o dicionário é denominado de uso. Além disso, foi investigada a hipótese de variações das EIs. Esta verificação foi realizada a partir da frequência coletada no site de buscas *Google* e do estudo do contexto de uso com auxílio do *corpus da Folha de São Paulo*, 1997/1998. As EIs foram classificadas segundo os seguintes critérios de representatividade do uso: “EI representativa”, “EI parcialmente representativa” e “EI com representatividade nula”. As análises realizadas com base nos dados coletados indicam que 10% das dez EIs pesquisadas em língua espanhola foram consideradas representativas e 90%, parcialmente representativas. As EIs inseridas como tradução, por sua vez, obtiveram 80% de representatividade e 20% de representatividade parcial. Em nenhuma das direções foram encontradas EIs com representatividade nula.

Palavras-chave: Dicionário bilíngüe. Dicionário de Uso. Fraseologia. Expressões idiomáticas.

ABSTRACT

This research consists in a study of ten idiomatic expressions (IEs) referring to body parts contained in the Spanish-Portuguese volume of the *Diccionario Bilingüe de Uso Español-Portugués Português-Espanhol (DiBU)*. The aim was to investigate if these IEs, in Spanish as well as in their translation into Portuguese, reflect real use, taking into account the fact that this dictionary is supposed to be a usage dictionary. The possibility of internal variation of these expressions was also investigated. This research was based on frequency analysis such as found on the Google website and by comparing these frequencies to a Portuguese corpus consisting of two years of *Folha de São Paulo* (1997-1998). The IEs were classified according to the following criteria: “Representative IE”, “Moderately representative IE” and “Not representative IE”. Comparative analysis of the obtained data indicate that 10% of the Spanish IEs can be considered representative and 90% moderately representative. The translated expressions, on the other hand, were representative in 80% of the cases and only 20% moderately representative. No expressions could be considered wholly unrepresentative.

Key-words: Bilingual dictionary. Use dictionary. Phraseology. Idiomatic expressions.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	JUSTIFICATIVA	11
1.2	OBJETIVOS	14
1.3	CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	15
2.	LEXICOGRAFIA - A ARTE DE ELABORAR DICIONÁRIOS	17
2.1	CONCEITO DE LEXICOGRAFIA	17
2.2	DICIONÁRIO – IMAGEM, ESTRUTURA E TIPOLOGIA	18
2.3	DICIONÁRIOS BILÍNGÜES – FUNÇÃO, PÚBLICO E DIRECIONALIDADE	22
2.4	DICIONÁRIO DE USO	27
2.4.1	<i>Descrição do DiBU</i>	28
3.	FRASEOLOGIA – TRAÇOS, FUNÇÕES E TIPOLOGIA DAS UF's	30
3.1	CONCEITO DE FRASEOLOGIA.....	30
3.2	TRAÇOS BÁSICOS DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS (UFS)	32
3.3	FUNÇÕES TEXTUAIS DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS	39
3.4	TIPOLOGIA DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS.....	40
3.4.1	<i>Locução</i>	42
3.4.2	<i>Provérbio</i>	43
3.4.3	<i>Refrão</i>	44
3.4.4	<i>Colocação</i>	45
3.4.5	<i>Expressão idiomática (EI)</i>	46
4.	METODOLOGIA.....	52
5	ANÁLISE DOS IDIOMATISMOS	56
5.1	ANDAR / IR DE BOCA EN BOCA; ANDAR / IR EN BOCA DE TODOS	56
5.2	A PEDIR DE BOCA	60
5.3	HACERSE LA BOCA AGUA.....	64
5.4	CALENTARSE / ROMPERSE LA CABEZA.....	65
5.5	PERDER LA CABEZA.....	69
5.6	IRSE DE LAS MANOS	70
5.7	PONER LA MANO EN EL FUEGO	75
5.9	BUSCARLE TRES / CINCO PIES AL GATO	83
5.10	NO TENER NI PIES NI CABEZA.....	87
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
	APÊNDICE A – LISTA DE IDIOMATISMOS PESQUISADOS	100
	APÊNDICE B – BOCA – FREQUÊNCIA DOS IDIOMATISMOS.....	101
	APÊNDICE C – CABEZA – FREQUÊNCIA DOS IDIOMATISMOS.....	114
	APÊNDICE D – MANO – FREQUÊNCIA DOS IDIOMATISMOS	117
	APÊNDICE E – PIE – FREQUÊNCIA DOS IDIOMATISMOS	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - DRAE – Calentarse / romperse / quebrarse la cabeza	p. 64
Quadro 2 – DUE – Calentarse / romperse / quebrarse la cabeza	p. 64
Quadro 3 – DRAE – Irse de la mano	p. 68
Quadro 4 – DUE – Irsele a alguien una cosa de las manos	p. 69
Quadro 5 – Exemplos do Google - Botar / colocar / meter / pôr a mão no fogo	p. 78
Quadro 6 – DRAE – Untar la mano	p. 79
Quadro 7 – DUE – Untar la mano a alguien	p. 79
Quadro 8 – DRAE – Buscarle tres o cinco pies al gato	p. 81
Quadro 9 – DUE – Buscarle tres pies al gato	p. 82

LISTA DE ABREVIATURAS

DiBU – Diccionario Bilingüe de Uso español – portugués / português - espanhol
DUE – Diccionario de Uso del Español
DRAE – Diccionario de la Real Academia Española
EI – Expressão idiomática
EIs – Expressões idiomáticas
FR – Fraseologismo
FRs - Fraseologismos
UF – Unidade fraseológica
UFs – Unidades fraseológicas

1 INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA

São escassas as pesquisas sobre os fraseologismos nos dicionários bilíngües, sejam eles gerais ou especializados. Talvez isso se deva ao fato de que há pouco referencial teórico sobre o tema. Segundo Welker (2002) a fraseologia como disciplina científica começou a prosperar na Alemanha, e em outros países da Europa, apenas nos anos oitenta, embora na década de setenta houvesse estudos isolados na União Soviética.

A relação entre os dicionários e a tradução também é pouco explorada. Além disso, o espaço para informações de natureza fraseológica é limitado nos dicionários bilíngües gerais, conforme mencionamos anteriormente.

Por outro lado, segundo enfatiza Rakotojoelimaria (2004) na introdução de sua tese, os aprendizes de língua estrangeira que almejam adquirir e aprimorar sua competência lingüística necessitam, não apenas compreender, mas também fazer uso das EIs em sua produção. A compreensão e o uso de unidades fraseológicas, portanto, constituem uma obrigação para a aquisição da competência lingüística¹.

¹ Nesse trabalho a competência lingüística é entendida como a habilidade de compreender e produzir na língua estrangeira.

Em outras palavras, é imprescindível que o aprendiz se expresse idiomáticamente. Expressar-se idiomáticamente não significa simplesmente empregar fraseologismos idiomáticos, mas ter um bom nível de domínio de um idioma. O domínio, por sua vez, está relacionado à capacidade de comunicar-se de maneira não trivial, empregando metáforas convencionais e, a partir delas, criando outras metáforas (Baránov e Dobrovol'skii, 1998).

O entendimento dos fraseologismos idiomáticos, no entanto, é o primeiro obstáculo por parte dos não nativos, sejam eles professores, alunos, tradutores ou falantes em geral (Falcão; Xatara, 2005). Até mesmo os idiomatismos ditos idênticos podem apresentar dificuldades. Para um aprendiz principiante brasileiro, por exemplo, é totalmente compreensível a expressão “con las manos en la masa”, pois existe uma expressão com forma e sentido semelhantes em português. Já uma expressão como “tomar el pelo” possivelmente apresenta mais dificuldades.

O segundo obstáculo é ainda mais complexo. Refere-se ao uso de idiomatismos. Para exemplificar, no volume português-espanhol do DiBU à expressão “encher os olhos” são conferidas as explicações “satisfacer” e “gustar”. Ambas proporcionam o entendimento do fraseologismo por parte de nativos do espanhol, porém não permitem que os usuários brasileiros tenham acesso a uma expressão idiomática equivalente em espanhol, o que resulta em uma produção carente do componente idiomático. Surgem então outros interrogantes que motivam essa pesquisa: Na elaboração de um dicionário de uso, o lexicógrafo / tradutor deve lançar mão de uma pesquisa criteriosa que proporcione, na medida do possível, equivalentes idiomáticos e não se “contentar” com a exposição de explicações apenas? As explicações, recurso utilizado para suprir a ausência dos equivalentes idiomáticos ou complementá-los, auxiliam a compreensão e produção? É importante destacar possíveis variações morfológicas e lexicais?

Como as indagações dessa pesquisa são de ordem lexicográfica, fraseológica e tradutológica, faz-se necessária a promoção de um “diálogo” entre as três áreas, a fim de fornecer

aos lexicógrafos / tradutores e pesquisadores, uma reflexão acerca da necessidade de se adotar critérios para a inclusão e tradução dos fraseologismos e, conseqüentemente, fornecer ferramentas aos aprendizes de língua estrangeira que os auxilie no desenvolvimento das habilidades de compreensão e produção.

Diante das afirmações acima, a escolha do DiBU como objeto de pesquisa se justifica pelo fato de ser um dicionário bilíngüe geral com considerável número de informações fraseológicas, se comparado com outros dicionários bilíngües. Na própria introdução² ele é denominado “um dicionário com rica informação fraseológica”. Entretanto, analisar todas as expressões de cada verbete do dicionário excederia os limites da dissertação. Por conseguinte, selecionamos idiomatismos sobre o tema “partes do corpo”. Segundo Xatara e Riva (2005:1), esse tema:

(...) permite um recorte viável para o estudo lexicográfico, por ser um dos centros de interesse do vocabulário fundamental de uma língua, sobretudo na linguagem coloquial. Se considerarmos a importância do corpo humano na vida cotidiana, é natural que a maioria dos métodos de ensino de LEs tenha esse tema como um dos primeiros a serem abordados.³

O tema mencionado faz parte, não apenas dos fraseologismos das línguas espanhola e portuguesa. Graubert (1989), ao pesquisar dicionários de inglês, francês e alemão, constatou que os campos semânticos que apresentam maior número de expressões idiomáticas e provérbios nessas línguas são os relacionados aos aspectos físicos da vida, especificamente, as partes do corpo e os movimentos.

Por ser usual, o campo semântico delimitado contribui substancialmente à análise pretendida nesse trabalho.

² É importante considerar que, devido a finalidades comerciais, as introduções de dicionários expressam descrições passíveis de questionamento.

³ Argumento utilizado pelas autoras do artigo, a fim de justificar a elaboração de um dicionário trilingüe de expressões idiomáticas exclusivamente sobre as partes do corpo.

1.2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Esta pesquisa objetiva investigar se dez dos fraseologismos idiomáticos relativos às partes do corpo “boca”, “cabeza”, “mano” e “pie”, inseridos no volume español-portugués (vol.1) do *Diccionario Bilingüe de Uso español-portugués / português-espanhol* (DiBU), e as respectivas traduções em português, refletem o uso real das línguas espanhola e portuguesa.

Objetivos específicos

- Analisar a frequência de uso dos idiomatismos em espanhol e de seus equivalentes em português, a fim de verificar se realmente foram incluídos no DiBU fraseologismos representativos em relação ao uso em cada uma das línguas;
- Descrever e analisar as variantes dos fraseologismos detectadas no *corpus* e no *Google*, contrastando-as com a maneira como foram apresentadas no DiBU;
- Analisar se predominam as traduções por meio de equivalentes idiomáticos ou paráfrases explicativas;
- Sugerir modificações na apresentação dos idiomatismos em espanhol e nas traduções, caso as ferramentas de pesquisa *Google*, *corpus*, *Diccionario de la Real Academia Española* (DRAE) e *Diccionario de Uso Del Español* (DUE) apontem outras possibilidades mais usuais que as inseridas no DiBU.

1.3 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Considerando a atitude comum dos usuários de pressupor que o dicionário é incontestável e apresenta uma compilação de todas as palavras de uma língua, o ato de pesquisar uma definição ou equivalência e não localizá-la pode gerar dúvidas quanto à sua existência. Em outras palavras, uma busca “mal sucedida” pode levar o consulente a questionar a existência de uma palavra, mas raramente incita a considerar o dicionário uma ferramenta passível de críticas. É necessário, portanto, que o mesmo seja desmistificado e se mostre como uma obra de consulta, naturalmente, incompleta (Amaral, 1995:15).

Além de a língua estar em constante mudança e os significados não serem estáveis, nem fixos, a impossibilidade de elaboração de um dicionário completo⁴ se fundamenta no pressuposto de que ao produzi-lo, o lexicógrafo deve fazer escolhas e renúncias, no que se refere à organização e à dimensão da macro e microestrutura, tipologia e público.

Pautada na constatação de que o dicionário não deve ser considerado o árbitro de uma língua (Xatara et al., 2001), o que não o exime de uma elaboração criteriosa, a presente pesquisa objetiva investigar o tratamento atribuído a dez fraseologismos idiomáticos⁵ referentes às partes do corpo “boca”, “cabeza”, “mano” e “pie”, arrolados no *Diccionario Bilingüe de Uso Español-Portugués / Português-Espanhol* (DiBU)⁶, volume español-portugués. Para tanto, dividimos o trabalho em cinco capítulos. Na introdução tratamos da justificativa e objetivos, nos capítulos 2 e 3 estabelecemos os conceitos norteadores da pesquisa, no capítulo 4 descrevemos a metodologia

⁴ Ver Amaral (1995) e Xatara et al (2001).

⁵ Nessa pesquisa são utilizados os termos “fraseologismos idiomáticos”, “expressões idiomáticas” ou “idiomatismos” como sinônimos.

⁶ DiBU **Diccionario Bilingüe de Uso español-portugués/português-espanhol**. (Org) Neide Maia González e Francisco Moreno. Madrid: Arco/Libros, 2003.

empregada, no quinto realizamos a análise das EIs e nas considerações finais, por sua vez, exibimos os resultados da pesquisa.

O dicionário em questão é denominado “geral” e “de uso”, logo o espaço destinado aos fraseologismos nesse tipo de obras é limitado, portanto a seleção do material deve estar fundamentada em informações que expressem, tanto quanto possível, o uso real da língua.

Sendo assim, foram analisados dez fraseologismos a fim de buscar respostas aos seguintes questionamentos: Os idiomatismos pesquisados são suficientemente representativos do uso das línguas espanhola e portuguesa de forma a justificar a inclusão em um dicionário de uso? São variáveis? Como são abordadas as possíveis variações? Como é realizada a tradução, por meio de equivalências ou paráfrases?

Para responder a essas indagações foram analisadas as ocorrências presentes no site de busca *Google* e em um *corpus* eletrônico⁷ de textos jornalísticos de língua espanhola e portuguesa (variante do Brasil). Além disso, como material de apoio, foram utilizados os dicionários monolíngües de espanhol *Diccionario de la Real Academia Española* (DRAE) e *Diccionario de Uso Del Español* (DUE), de María Moliner por também apresentarem fraseologismos.

⁷ HUMBLÈ, PH. (1997 / 1998) **Corpus de español – português**. UFSC.

2. LEXICOGRAFIA - A ARTE DE ELABORAR DICIONÁRIOS

2.1 CONCEITO DE LEXICOGRAFIA

A lexicografia, segundo Casares (1969:10), é “el arte de componer diccionarios”. Welker (2004: 11), por sua vez, acrescenta que essa área abrange duas vertentes: “lexicografia prática” e “lexicografia teórica”. À primeira é também atribuída a definição “ ‘ciência’, ‘técnica’, ‘prática’ ou mesmo ‘arte’ de elaborar dicionários”. Para a segunda emprega-se freqüentemente o termo “metalexicografia”.

A “lexicografia teórica” abrange os estudos referentes à pesquisa histórica da lexicografia e pesquisa sobre a elaboração, tipologia, crítica e uso de dicionários. A “lexicografia prática”, como o termo sugere, se ocupa da elaboração de dicionários. Portanto, ao lexicógrafo compete a confecção de dicionários e ao metalexicógrafo, a pesquisa de dicionários.

A lexicografia está deixando de ser considerada uma arte e vem adquirindo o status de ciência (Berdet, 1996:75) e, como tal, requer embasamento teórico e manipulação das ferramentas eletrônicas. Logo, a visão do lexicógrafo como um artesão, manipulador mágico do sentido, vem sendo desmistificada.

Hartmann (2001:4) compartilha o conceito de Welker afirmando que a “lexicography is a growing field, with a practical branch (dictionary making) and a theoretical branch”. Em sua

totalidade, a lexicografia consiste na relação entre esses dois ramos. E o resultado desse complexo processo é o dicionário.

A elaboração de um dicionário requer, desde o esboço, uma série de decisões lexicográficas e o lexicógrafo, na condição de indivíduo ou integrante de um grupo social, não realiza seu trabalho de forma neutra, isto é, isenta do componente ideológico (Berdet, 1996). No entanto, é sua tarefa expor, dentro das limitações, as divergentes visões do mundo dos usuários de uma língua.

Assim, apresentam-se duas grandes dificuldades inerentes à elaboração de dicionários: a realização de escolhas (tipologia, público, função do dicionário, entre outras) e exposição das diversas “vozes” de uma determinada cultura⁸.

2.2 DICIONÁRIO – IMAGEM, ESTRUTURA E TIPOLOGIA

Considerada a lexicografia como a área que se ocupa do estudo e produção de dicionários, na sequência trataremos das contribuições de alguns teóricos sobre a imagem, estrutura e tipologia que envolve essas obras de consulta.

A Imagem positiva dos dicionários

O dicionário, como produto cultural do trabalho dos lexicógrafos, é um material de apoio à aquisição e ao aprimoramento da competência comunicativa. Dada a imagem positiva e o prestígio social de que goza, constitui também um poderoso veículo ideológico e, por conseguinte, instrumento de poder (Borba, 1993:8). Carter (1992), ao tratar da imagem positiva

⁸ No caso dos bilíngües há o confronto entre distintas “vozes” e culturas.

do dicionário, menciona que ele é considerado um repositório confiável e respeitado dos fatos de uma língua.

Curiosamente, na direção português-espanhol do DiBU, o verbete “dicionário” apresenta a equivalência “diccionario” acompanhada de um exemplo que remete à confiabilidade depositada nessa ferramenta:

dicionário m. Diccionario: consultei vários dicionários até encontrar a tradução exata da palavra = consulté varios diccionarios hasta encontrar la traducción exacta de la palabra. □ *pai*.

Em outras palavras, a busca pela tradução exata indica uma “certeza” de que nos dicionários são encontradas as respostas adequadas. Além disso, é importante observar que ao final do verbete há uma remissão à palavra entrada “pai”, indicando que o dicionário é o “pai-dos-burros”.

(...) **pai-dos-burros** INFOR., diccionario, remediavagos: se tiver alguma dúvida sobre o significado das palavras, consulte o pai-dos-burros = si tuvieras (*sic*) alguna duda sobre el significado de las palabras, mira el diccionario. □ **dicionário**.

Em síntese, a expressão enfatiza a visão do dicionário como ferramenta fundamental à aquisição de informações desconhecidas ou esclarecimento de dúvidas.

Estrutura e tipologia dos dicionários

Höfling et al (2004) afirmam que o dicionário possui uma arquitetura especial. É organizado de acordo com a “macroestrutura” ou “nomenclatura” e a “microestrutura”. A “macroestrutura” é constituída de uma seqüência vertical dos elementos, ou seja, “as entradas”. Essas são as palavras incluídas numa macroestrutura, geralmente dispostas alfabeticamente. A “microestrutura” é organizada horizontalmente em “verbetes”. O termo “verboete” corresponde ao

texto que se segue a uma palavra-entrada. Nos dicionários monolíngües o conteúdo dos verbetes são as definições; nos dicionários bilíngües ou plurilíngües, as traduções ou equivalentes, além de outras informações. Nos dicionários híbridos ou bilingualizados há uma junção de definição e equivalências.

Quanto à tipologia, as autoras acima mencionam que os dicionários se dividem em: monolíngües ou unilíngües, bilíngües, semibilíngües, multilíngües ou plurilíngües, enciclopédicos, visuais ou ilustrados, semasiológicos (signo-conceito) e onomasiológicos (conceito – signo).

Hartmann (1983) denomina o dicionário como um livro de referências (geralmente ordenado alfabeticamente) que contém informações sobre significado, pronúncia, ortografia ou equivalentes em outra língua.

Apropriando-nos do conceito de Biderman (2001:131), definimos o dicionário como “uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”. A referida pesquisadora classifica os vários tipos de dicionários monolíngües em: dicionários ideológicos, dicionários especializados, dicionários etimológicos, dicionários históricos e dicionários terminológicos. Paralelamente, aponta os principais dicionários de língua usuais nas sociedades contemporâneas: o dicionário padrão e o dicionário geral da língua, os mini- dicionários, os dicionários escolares e os infantis. O dicionário padrão possui uma macroestrutura de 50.000 a 70.000 palavras-entrada, os escolares apresentam aproximadamente 25.000 e os infantis, de 5.000 a 10.000.

Welker (2004), baseando-se na tipologia de teóricos como Sebeok (1962), Malkiel (1959, 1962) e Hausmann (1985), entre outros, sugere um mapeamento intitulado “obras de consulta”. Tal mapeamento inclui os dicionários de língua e outras obras de consulta (enciclopédias, atlas, almanaque, etc) . Inseridas nessa divisão estão as obras convencionais ou impressas e as

disponíveis em formato eletrônico. No que se refere aos dicionários propriamente ditos, o autor os classifica como monolíngües ou bilíngües, que podem ser gerais ou especiais.

Al-Kasimi (1983), por sua vez, discorre sobre os distintos tipos de dicionários, em especial os bilíngües e seus respectivos problemas, enfatizando que as opiniões acerca da tipologia dos dicionários se dividem⁹. De maneira geral, os dicionários monolíngües se diferem dos bilíngües em método de compilação, características dos usuários e necessidades que objetivam atender.

Realizadas tais considerações, Al-Kasimi (1983) expõe que os dicionários são classificados de acordo com o propósito, perspectiva, abrangência e apresentação. Quanto à tipologia, são divididos em gerais e especializados. Outros critérios podem ser usados para distinguir os tipos de dicionários: se os dicionários contêm informações enciclopédicas (enciclopédicos v. lexicais), se são prescritivos ou descritivos (descritivos v. normativos), se tratam ou não das mudanças da língua (histórico-etimológico v. dicionários de uso contemporâneo) e a variedade da língua que procuram descrever (literário de língua literária v. língua falada).

Baseando-nos na classificação proposta por Al-Kasimi (1983) e nas informações expostas na introdução, classificamos o DiBU como um dicionário geral, de uso e bilíngüe, com vistas à compreensão e produção das línguas espanhola e portuguesa¹⁰. Sendo assim, faz-se necessária a conceituação de dicionário bilíngüe, dicionário de uso, dicionário para produção e compreensão.

⁹ Esclarecimentos sobre a tipologia apresentada por Al-Kasimi, Serba, Malkiel, Sebeok, Rey podem ser obtidos em: WELKER, H. A. (2004) **Uma pequena introdução à lexicografia**. Thesaurus, Brasília.

¹⁰ Na apresentação, os autores do DiBU mencionam que o dicionário é destinado a todos os que necessitam informações sobre as línguas espanhola e portuguesa. Como o volume português-espanhol é mais extenso, ditos autores enfatizam que com isso se consegue atender às necessidades de compreensão da língua portuguesa e produção da língua espanhola.

2.3 DICIONÁRIOS BILÍNGÜES – FUNÇÃO, PÚBLICO E DIRECIONALIDADE

Mais do que obras de consulta para a obtenção de informações sobre um par de línguas, os dicionários bilíngües permitem avaliar o status de uma língua. Nas palavras de Schmitz (2001:167) “pode-se avaliar a importância de uma determinada língua levando em conta o número de dicionários bilíngües existentes”.

Estudiosos apontam os dicionários bilíngües como as primeiras obras lexicográficas. Segundo Welker (2004), a literatura sobre esses dicionários é vasta, embora menos volumosa do que aquela relacionada aos monolíngües. Teóricos da área compartilham seus pontos de vista sobre a distinção entre esses dois tipos de dicionários. Em geral, apontam que a diferença primordial entre os dicionários monolíngües e os bilíngües consiste na explicação apresentada, ou seja, nos monolíngües a explicação toma a forma de definição, nos bilíngües é constituída de um ou mais equivalentes na língua meta.

Por outro lado, o dicionário bilíngüe não visa a uma simples enumeração de equivalentes, mas tem por finalidade assegurar precisão na tradução de termos que melhor designem, na língua de chegada, a noção apresentada na língua de partida (Xatara, 1998). Visto que os dicionários bilíngües lidam com duas línguas distintas e diferentes sistemas de formação de conceitos, estão em jogo culturas e comportamentos lingüísticos distintos. Devido a isso, os problemas de ordem sintática, semântica e morfológica inerentes a esse tipo de dicionários são mais complexos que nos dicionários monolíngües (Al-Kasimi, 1983).

Al-Kasimi (1983) Schmitz (2001) e Tosqui (2002) indicam os aspectos que evidenciam a problemática dos dicionários bilíngües. O primeiro teórico menciona que os dois maiores problemas dos dicionários para tradução são a seleção e apresentação de equivalentes e a discriminação de vários significados de um mesmo lexema (p. 159). Schmitz afirma que “o

grande problema com o dicionário bilíngüe é sua limitação no que diz respeito ao número de vocábulos arrolados e a má qualidade das definições apresentadas” (p.163). A exemplo de Schmitz, Tosqui aponta como deficiência o limitado espaço destinado aos vocábulos, já que dita limitação faz com que sejam abolidas as explicações e contextualizações, logo o consulente é obrigado a deduzir o significado apropriado.

Os problemas mencionados acima nos levam a inferir que o tratamento das equivalências nos dicionários bilíngües tem sido negligenciado. Apesar de que os dicionários não sejam reservatórios de equivalências, elas precisam ser analisadas com rigor e inseridas de maneira criteriosa.

Nos questionamentos propostos acima está implícito que a elaboração de dicionários bilíngües requer a observação dos seguintes aspectos: o público-alvo, a direcionalidade do dicionário, a função da obra e a especificidade das línguas (Damim, C e Miranda, F. B., 2005).

Público alvo

O primeiro passo para a elaboração de um dicionário é a definição do público que se pretende atingir. Para Al-Kasimi (1983:157) defini-lo demanda a seguinte reflexão: “what kind of user is the dictionary intended for? Is he a speaker of the source language (SL) or the target language (TL)?”

Um dicionário de português-espanhol, por exemplo, não deve ser o mesmo para falantes nativos do português e para falantes nativos do espanhol, já que suas necessidades são distintas. Se um dicionário na direção português-espanhol, por exemplo, tem em vista um usuário brasileiro que pretenda expressar-se em espanhol, não é necessária a inclusão de um vocábulo

desconhecido na cultura meta. Mas se o usuário for nativo da língua espanhola, o termo pode ser incluído no dicionário como forma de proporcionar a compreensão.

Devido às finalidades comerciais, grande parte dos dicionários bilíngües tem como meta satisfazer as necessidades dos falantes de duas línguas. Contraditoriamente, os problemas detectados nesses dicionários se originam, principalmente, do objetivo de atender a todos.

De maneira geral, o público que utiliza os dicionários é formado por aprendizes de língua, professores e tradutores, cujas necessidades consistem em compreender e produzir textos, expressar-se oralmente e/ou realizar traduções.

Constatado o perfil dos usuários que o lexicógrafo deseja atender, é necessário optar pela direção da obra. Visto que direcionalidade e função caminham juntas, é necessário tecer considerações sobre esses dois aspectos.

Direcionalidade e função dos dicionários bilíngües

Os dicionários bilíngües podem conter uma ou duas direções. Segundo Welker (2004:200), “o dicionário *monodirecional* dirige-se a aos falantes de apenas uma das duas línguas, ao passo que o *bidirecional* deve servir aos falantes de ambos os idiomas”.

Quanto à função, o dicionário “bidirecional” tem em vista o desenvolvimento das habilidades de compreensão e produção. O “monodirecional”, por sua vez, é elaborado para satisfazer apenas uma das necessidades. Assim temos:

Monodirecional	Bidirecional
✓ Língua materna – língua estrangeira (L1-L2) (produção)	✓ Língua materna – língua estrangeira (L1-L2) (produção)
ou	e
✓ Língua estrangeira – língua materna (L2-L1) (compreensão)	✓ Língua estrangeira – língua materna (L2-L1) (compreensão)

De acordo com o esquema acima, a primeira direção do dicionário “bidirecional” objetiva atender às necessidades de codificação da língua espanhola, nesse caso o dicionário é “ativo”. A segunda direção tem como escopo a decodificação das informações apresentadas na língua estrangeira, logo o dicionário é classificado como “passivo”. No entanto, uma considerável parcela dos dicionários ditos “bidirecionais” é útil apenas à compreensão de textos.

Compreensão e produção¹¹

Até a segunda guerra mundial os dicionários eram elaborados para o uso passivo (Al-Kasimi, 1983). Com o advento do método comunicativo, o uso ativo passou a ter importância. Como a aquisição da habilidade de produção ocorre diferentemente da habilidade de compreensão, os lexicógrafos passaram a perceber que a estrutura dos dicionários destinados à produção deveria ser diferente daqueles pensados para a compreensão.

Dicionários para compreensão

¹¹ Alguns metalexicógrafos como Bejoint (1981) utilizam os termos “decoding” e “encoding”. Outros optam por denominar os dicionários dessa natureza como de uso “passive” e “active”.

Os dicionários para a “compreensão” como o termo explicita, auxiliam nas atividades de compreensão oral, escrita e tradução (direção L2 - L1) (Snell-Hornby, 1987).

Salvo algumas exceções, como é o caso dos aprendizes principiantes, consultar um dicionário bilíngüe na direção L2-L1 não é uma tarefa demasiado complexa, já que o contexto auxilia o usuário quando vários equivalentes são apresentados.

Em geral, os usuários têm dificuldade de compreender palavras raras, gírias, idiomatismos, nomes próprios, abreviações e informações enciclopédicas (Béjoint, 1981: 210).

Dessa forma, os dicionários para compreensão devem conter uma macroestrutura extensa e apresentar palavras pouco freqüentes, pois é provável que o usuário consulte mais esse tipo de vocábulos do que os comuns. Além disso, são úteis as informações sobre variedades da língua, flexões verbais e fraseologia.

Dicionários para produção

A finalidade dos dicionários de produção é fornecer informações para que o consulente possa expressar-se na L2. Reafirmamos que o desenvolvimento da habilidade de produção, seja oral ou escrita, é mais complexo que o de compreensão. Por conseguinte, a consulta aos dicionários concebidos para o uso ativo também é mais difícil. A complexidade se origina da ausência de informações contextuais. Ao utilizar o dicionário para compreender uma determinada palavra inserida num texto, por exemplo, o usuário se depara muitas vezes com mais de um equivalente, entretanto as informações contextuais permitirão que ele selecione o mais adequado. Em uma atividade de produção, no entanto, compete a ele criar o contexto.

Dessa maneira, o dicionário que melhor cumpre a função de codificação de uma língua é aquele que apresenta uma microestrutura detalhada, principalmente no que se refere à

apresentação de informações sobre sintaxe, colocações¹², exemplos de uso e recomendações sobre possíveis equívocos (Béjoint, 1981: 210).

Em resumo, as palavras-entrada dos dicionários para a produção devem ser de natureza produtiva (vocábulos frequentes) e seu tratamento deve oferecer ao usuário informações sintáticas e morfológicas que possibilitem o uso adequado. (Al-Kasimi, 1983:158).

2.4 DICIONÁRIO DE USO

Segundo Sadikov [199-], “dicionário de uso” é um gênero lexicográfico recente. Na Espanha surgiu com a publicação do *Diccionario de uso del español*, de Maria Moliner. No Brasil o termo passou a ser difundido em 2002 (Zanatta, 2006) com a publicação do *Dicionário de Uso do Português do Brasil* (DUPB).

O conceito “dicionário de uso” ainda está em formação. Segundo Zanatta (2006), é um conceito polissêmico, uma vez que pode representar o conjunto léxico efetivamente utilizado por uma comunidade lingüística, o que corresponde à frequência de uso, mas também o emprego prescritivo/ normativo da língua.

Embora a pesquisadora acima aborde “dicionário de uso” como um conceito polissêmico, o mais difundido é o que versa sobre o caráter descritivo dos dicionários, isto é, o que trata da função de retratar e descrever a língua em uso. Nas palavras de González e Moreno (2003)¹³, um dicionário de uso “concede prioridade às manifestações léxicas mais habituais e generalizadas no uso de ambas as línguas”.

¹² Segundo Sinclair (1991), “colocação” é a co-ocorrência de duas ou mais palavras. Usa-se o termo “nódulo” para a palavra central e “colocado” para qualquer palavra que ocorra nas proximidades do nódulo.

¹³ Na introdução do DiBU, os referidos lexicógrafos oferecem essa breve explicação sobre o termo “dicionário de uso”.

No que concerne à estrutura, Borba (1993:7) expõe brevemente que “um dicionário que tenha a presunção de captar o signo em ação contemplará as três dimensões da linguagem: sintática, semântica e pragmática”.

Portanto, contemplar as dimensões acima implica oferecer informações, tais como: unidades lexicais e fraseológicas correntes, regionalismos, marcas de uso, colocações e exemplos, além de esclarecimentos acerca da conjugação verbal, irregularidades, sinônimos, antônimos, entre outros.

2.4.1 Descrição do DiBU

O DiBU é denominado um dicionário geral e de uso. Segundo informações inseridas na introdução, possui rica informação fraseológica e tem como objetivo atender às necessidades de produção e compreensão das línguas espanhola e portuguesa. Logo, é destinado a aprendizes brasileiros de espanhol e também a hispanofalantes aprendizes de português.

As informações expressas na introdução do DiBU são questionáveis em alguns aspectos. O primeiro aspecto passível de crítica é a intenção dos lexicógrafos de atender às necessidades de aprendizes brasileiros de espanhol e também de hispanofalantes aprendizes de português, uma vez que quase todos os estudiosos reconhecem a impossibilidade dos dicionários suprirem às necessidades de compreensão e produção simultaneamente.

Outro aspecto questionável é a afirmação de que o dicionário possui rica informação fraseológica, já que para elaborar um dicionário de uso com riqueza de informações fraseológicas o lexicógrafo deve primar pela inclusão de unidades fraseológicas realmente correntes nas línguas espanhola e portuguesa. Inserir uma vasta lista de unidades fraseológicas apenas não garante a qualidade do dicionário.

Para analisarmos em quais aspectos as informações sobre as unidades fraseológicas do DiBU, em especial as EIs, são ricas ou carentes de melhoria, é necessário adentrarmos no campo da Fraseologia. Sendo assim, no capítulo seqüente abordaremos o conceito de Fraseologia, trataremos da classificação e características das unidades fraseológicas, enfatizando as EIs e os problemas de compreensão e tradução das mesmas.

3. FRASEOLOGIA – TRAÇOS, FUNÇÕES E TIPOLOGIA DAS UFs

3.1 CONCEITO DE FRASEOLOGIA

São recentes as pesquisas em torno da “Fraseologia”, apesar de não ser recente o interesse por essas combinações estáveis utilizadas cotidianamente. Somente nos anos quarenta foram estabelecidas as bases teóricas para as investigações na área, sendo iniciador das pesquisas o lingüista russo Vinogradov (Santamaría, 2000).

Definir o termo “Fraseologia” é uma tarefa complexa, já que não há um conceito abrangente para essa subdisciplina da lexicologia.

Alcaraz Varo y Martínez Linares (*apud* Montoro del Arco, 2005:92) definem “Fraseologia” por meio de duas acepções:

- (1) Se da el nombre de ‘Fraseología’ a la disciplina que tiene por objeto el estudio de las unidades fraseológicas (locuciones, enunciados fraseológicos...).
- (2) ‘Fraseología’ también se utiliza para referir al objeto de estudio de esta disciplina. Esto es, al conjunto de ‘unidades fraseológicas’ que estudia la ‘Fraseología’.

A primeira acepção refere-se à “Fraseologia” como disciplina ou linha de investigação. Já a segunda, trata do componente fraseológico propriamente dito, isto é, a Fraseologia é definida como o repertório ou inventário de unidades fraseológicas.

Welker (2004:162) apresenta uma definição semelhante. Enfatiza que o termo designa a ciência trata dos fraseologismos e também o conjunto dos fraseologismos.

Tristá (1984:282), a seu turno, trata de duas vertentes da “Fraseologia”: “fraseologia em sentido restrito” e “fraseologia em sentido amplo”. A primeira compreende as combinações de palavras que possuem determinadas características estruturais e funcionam como elementos oracionais. A segunda, a seu turno, engloba as combinações com sentido restrito e as combinações dotadas de características particulares, tais como as frases feitas, os provérbios, entre outros.

São múltiplos os hiperônimos para referir-se à “Fraseologia”: “unidade fraseológica”, “expressão pluriverbal”, “unidade pluriverbal lexicalizada e habitualizada”, “unidade léxica pluriverbal”, “expressão fixa”, “fraseologismo”, “fraseolexema”, “frasema” ou “combinatória lexical”. Dentre esses se destacam como mais habituais os termos “unidade fraseológica” e “fraseologismo”. (Montoro del Arco, 2005:96; Welker, 2002).

Corpas Pastor (1996) utiliza o termo “unidade fraseológica” por possuir grande aceitação nos países onde as pesquisas da área são numerosas.

“Fraseologismo” é também preferido em pesquisas mais recentes, sobretudo naquelas relacionadas à língua alemã.

No início de suas investigações sobre “Fraseologia”, mais precisamente na década de setenta, o pesquisador Albert Zuluaga utilizava os termos “expressão idiomática” e “expressão fixa”, ambos rejeitados por Corpas Pastor por se referirem isoladamente a apenas um dos aspectos dessas unidades: idiomaticidade ou fixidez. (Montoro Del Arco, 2005:97). Em consequência disso, em suas publicações posteriores, Zuluaga (1987, 1998, 2001) passou a adotar os termos “unidade fraseológica” e “expressão fixa”.

Tristá Pérez (1988), por sua vez, não admite o uso do termo “fraseologismo” para as unidades que não possuam sentido figurado, enquanto outros autores não consideram imprescindível a figuratividade (Montoro del Arco, 2005:97).

Dada a infinidade de nomenclaturas, optamos por adotar em nossa pesquisa os termos “unidade fraseológica” e “fraseologismo”, doravante UF e FR, por serem mais usuais, de acordo com a bibliografia pesquisada.

3.2 TRAÇOS BÁSICOS DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS (UFS)

Existem alguns requisitos mínimos para considerar uma unidade como fraseológica frente a outras unidades. Alguns autores possuem uma visão mais restrita, outros defendem que as UFs são todas as estruturas superiores à palavra.

Segundo Welker (2002:3), os FRs são sintagmas mais ou menos fixos. Em outras palavras, constituem unidades poliléxicas definidas pelos critérios de polilexicalidade, fixidez e, freqüentemente, figuratividade, cujo uso e interpretação estão regidos por normas culturais.

De modo mais minucioso, Navarro (2007:2) define as UFs como:

Combinaciones léxicas que se caracterizan por la fijación interna y unidad de significado, es decir, que presentan estabilidad semántico-sintáctica, equivalen al lexema simple o al sintagma, pueden pertenecer a varios tipos categoriales y cumplen diversas funciones sintácticas (*a brazo partido, a pies juntillas, pillarse los dedos, cabeza de alcornoque, de boca para fuera*). Son combinaciones especializadas en expresar contenidos de gran complejidad a pesar de su brevedad y simplicidad para lo cual las unidades monolexemáticas están, en cierto modo, incapacitadas, razón por la que constituyen un recurso léxico de uso frecuente.

Corpas Pastor (1996, 19-28), por sua vez, enumera cinco características básicas das UFs:

- São expressões formadas por várias palavras;
- Estão institucionalizadas, ou seja, se tornam convencionais devido ao uso freqüente;

- Possuem estabilidade, uma vez que seus componentes mantêm uma certa ordem;
- Apresentam algumas particularidades semânticas ou sintáticas. Em outras palavras, podem apresentar algumas peculiaridades como significado metafórico ou figurado, apesar de não ser uma característica de todas as unidades fraseológicas;
- Podem sofrer modificações nos elementos que as integram.

Tristá Pérez (1988), a exemplo dos pesquisadores acima, assinala como principais características das UFs, a “pluriverbalidade”, a “estabilidade” e a “figuratividade”.

Já Ruiz Gurillo (1998) argumenta que os traços fundamentais da UFs são a “fixidez” e a “idiomaticidade”. Distribui, ademais, as características das UFs em vários níveis: morfológico, sintático, léxico, léxico-semântico, tropológico e pragmático.

O nível morfológico se refere aos casos de concordância irregular, ordem sintática anômala, derivação e composição das UFs; o nível sintático, por sua vez, corresponde à fixidez sintática; o nível léxico trata de questões como a invariabilidade de número, tempo verbal, impossibilidade de extração de elementos, separação de componentes léxicos, entre outras; o nível léxico-semântico versa sobre a idiomaticidade e motivação das UFs; o tropológico remete às UFs como originadas de metáforas e o nível pragmático, a seu turno, corresponde aos valores sociolingüísticos e frequência de uso das UFs.

Baseando-nos nas definições de “Fraseologia” e nas classificações das UFs apresentadas pelos autores acima, entendemos como UFs as combinações de duas ou mais palavras. Essas combinações estão institucionalizadas¹⁴ e em alguns casos apresentam figuratividade. Além disso, são fixas, porém a fixidez não impossibilita a existência de variações.

¹⁴ Segundo Baránov e Dobrovol'ski (1998), a “institucionalização” se refere à aceitação de uma UF por uma determinada comunidade lingüística, percebida e repetida com frequência no discurso de distintos falantes.

Visto que a maioria dos teóricos estudados aponta a pluriverbalidade, a fixidez e a figuratividade como características relevantes das UFs, na sequência trataremos da definição dessas três características. Além disso, incluiremos a definição de “variação”, por considerarmos uma característica essencial das UFs, e apresentaremos as variantes apontadas por diversos autores. Por último, destacaremos as variantes consideradas nessa pesquisa.

Pluriverbalidade ou lexicalidade

A “pluriverbalidade” ou “lexicalidade” indica que todo fraseologismo deve estar integrado a duas ou mais palavras. Uma, pelo menos, deve ser a palavra plena e as demais as auxiliares. Em alguns casos pode haver mais de uma palavra plena. (Tristá Perez, 1988).

Fixidez ou estabilidade

Por “fixidez fraseológica” se entende a relativa estabilidade no uso das UFs. Do ponto de vista funcional, Zuluaga (1980) considera a fixidez arbitrária, uma vez que não há explicações sintáticas nem semânticas para a estabilidade de uma UF. Sua estabilidade se deve ao uso repetido em uma determinada comunidade lingüística.

O mesmo autor classifica a fixidez em: fixidez na ordem dos componentes, fixidez das categorias gramaticais (tempo verbal, gênero, número...), fixidez do inventário dos componentes (impossibilidade de suprimir ou incluir elementos) e fixidez transformacional (“carta blanca” / “la blancura de la carta”).

Apesar da fixidez ser considerada uma das características primordiais, ela é relativa, pois há UFs totalmente invariáveis e as que podem sofrer variações. Essas variações podem ser fonéticas, léxicas, sintáticas e semânticas (Suárez Cuadros, 2006:77).

A certos procedimentos intencionais de alteração das unidades fraseológicas se emprega o termo “desautomatização”, isto é, o falante insere ou modifica algum elemento com a finalidade de provocar efeitos. Segundo Zuluaga (2002:11), “*Al decir *entretener la vida*, en lugar de *entretener el hambre* se obtienen los efectos de sentido semánticos, metalingüísticos, lúdicos, cognoscitivos y pragmáticos, propios de la desautomatización de las unidades fijas*”.

A exemplo de Zuluaga, Ruiz Gurillo (1997:24) trata dos efeitos da “desautomatização” das UFs. A referida autora menciona que o uso das UFs desperta interesse no receptor e a modificação acentua esse interesse. Logo, a “desautomatização” é uma maneira criativa de expressão e um estímulo à comunicação.

Segundo Montoro Del Arco (2005:108), “desautomatização” é o termo utilizado pelos pesquisadores Mena Martinez (2003), Ruiz Gurillo (1997), Zuluaga (1997; 2001) e Zamora Muñoz (2000). É também denominado “deslexicalização” por García-Page (1989), “fraseologismo ocasional” por Fleischer (1997), “modificação” por Barz (1986) e Corpas Pastor (1996), “manipulação” por ele mesmo (Montoro Del Arco, 2003), “desconstrução” por Le Bigot (1993) ou “ruptura” por Bousoño (1970), García-Page (1992) e Guerra Salas (1997).

Variación fraseológica

Fraseologismos variantes são os que apresentam algum elemento que pode ser substituído por outro ou incluído sem violação do sentido. Montoro del Arco (2005:115), ao tratar da variação fraseológica, tece as seguintes considerações:

Un análisis más detallado nos muestra que una unidad fraseológica puede manifestar distintos rasgos de fijación como los citados, pero que, por el contrario, los rasgos de variación pueden ser bastante más numerosos que los de fijación. Así, ante una unidad con pocos componentes como *hilar fino*, podemos decir que está fijada por la invariabilidad de la unidad *fino* (*hilar* finamente*). Sin embargo, en oposición al único rasgo de fijación que encontramos vemos que presenta al menos dos posibles variaciones: *hilar* (muy) *fino* y posible sustitución de los elementos componentes: *hilar delgado*.

Como podemos observar, o pesquisador argumenta que uma UF pode apresentar diversos traços de fixidez. Em alguns casos, no entanto, os traços de variação podem ser muito mais numerosos que os de fixidez. Daí a necessidade de se dar a devida atenção às variações das UFs.

Tipos de variantes

As variantes das UFs são classificadas de distintas maneiras. Na sequência enumeraremos a classificação proposta por Carneado More (1985) e Zuluaga (1980). Em seguida apresentaremos as variantes das expressões idiomáticas enumeradas por Guilhermina Jorge (2001).

Carneado Moré (1985: 61), classifica as variantes em:

- “Variantes morfológicas” – Há a substituição de elementos gramaticais, tais como a inclusão ou exclusão de um artigo (*jugar [la] cabeza*);
- “Variantes léxicas” – Há a substituição de algum elemento léxico (*estar / hallarse entre la vida y la muerte*);
- “Variantes por extensão” - Consiste na supressão de uma parte do fraseologismo ou interpolação de um elemento facultativo (*llevar [bien puestos] los pantalones*).

Zuluaga (1980) faz uma distinção dos termos “variantes” e “variações”:

- “Variantes”:
 - Devem ocorrer dentro de uma mesma língua funcional;
 - Não podem apresentar diferença de sentido;
 - São livres, ou seja, independentes do contexto;
 - São parcialmente idênticas em sua estrutura e componentes;
 - A substituição é fixa, isto é, pré-estabelecida.
- “Variações”:
 - Transformações reais das UFs (*tomar el pelo* / *tomadura de pelo*);
 - UFs aparentemente semelhantes, mas com significados opostos (*hacer [algo] de buena / mala fé*);
 - UFs com estrutura e componentes distintos, porém com significados idênticos (*tomar las de Villadiego, poner pies en polvorosa*).

Guilhermina Jorge (2001:215-222) trata das variantes de uma categoria das UFs, as EIs. Para a pesquisadora as variantes se dividem em:

- “Variantes verbais”
 - *Acertar* as contas com alguém / *ajustar* as constas com alguém.
- “Variantes nominais”
 - Custar *os olhos* da cara / custar *os dentes* da boca.
- “Variantes do numeral”
 - Receber com *duas* pedras na mão / receber com *sete* pedras na mão.
- “Variantes do morfema de número”
 - Andar *na boca* do mundo / andar *nas bocas* do mundo.

- “Variantes dos morfemas derivacionais diminutivos”
 - Tirar o *cavalo* da chuva / tirar o *cavalinho* da chuva.
- “Variantes de determinantes (presença ou ausência)”
 - Procurar agulha *em* palheiro / Procurar agulha *num* palheiro.
- “Variantes sinonímicas”
 - Perder *a fala* / perder *a voz*.
- “Omissão de elementos”
 - Pôr (*tudo*) em pratos limpos.
- “Variantes de preposição”
 - Não enxergar um palmo *adiante* do nariz / não enxergar um palmo *à frente* do nariz.
- “Variantes de níveis de língua”
 - Meter *na cabeça* / meter *nos cornos*.

Na análise das dez EIs nos basearemos na classificação de Guilhermina Jorge, uma vez que as variantes detectadas nesse estudo se adequam à classificação proposta pela pesquisadora. Em linhas gerais, predominaram nesse estudo as “variantes verbais” (calentarse / romperse la cabeza). Além disso, detectamos a presença de “variantes sinonímicas”, ou seja, as variantes com mesmo sentido, mas com forma distinta, como é o caso de “esquentar a cabeça”, “fundir a cuca” e “queimar os neurônios”. Também abordamos as “variantes de níveis de língua” (botar, colocar, meter a mão no fogo), as “variantes de morfema de número” (untar *la mano* / untar *las manos*), as “variantes de numeral” (buscarle *tres* pies al gato / buscarle *cinco* pies al gato), as variantes nominais (buscarle *tres* pies al gato / buscarle *tres patas* al gato), entre outras.

Idiomaticidade ou figuratividade

A “idiomaticidade” também denominada “não composicionalidade” ou “figuratividade” é uma propriedade que apresentam certas UFs. Segundo o critério de idiomaticidade, a sequência das partes que compõem as UFs deve funcionar como uma unidade significativa (Welker, 2002).

As UFs podem ser idiomáticas, parcialmente idiomáticas e não idiomáticas. São idiomáticas aquelas nas quais o significado é resultado da conexão de todos os seus componentes (dar uma colher de chá), parcialmente idiomáticas quando um componente mantém o significado literal, como “briga” em “comprar uma briga”, e não idiomáticas as que não apresentam diferenças (ou diferenças mínimas) entre o sentido literal e o fraseológico (tanto...quanto, à medida que, entre outros (Welker, 2002).

3.3 FUNÇÕES TEXTUAIS DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Outro aspecto a ser considerado é o das funções textuais dos fraseologismos: “função fraseológica”, “função de realce”, “função de conotação”, “função icônica” e “função lúdico-poética” (Zuluaga, 2001).

A “função fraseológica” é a que garante a comunicabilidade. Consiste em facilitar a formulação e a recepção da mensagem, já que as unidades fraseológicas permitem expressar algo mediante uma construção curta e conhecida por uma determinada comunidade.

A segunda função, denominada “função de realce”, trata do destaque que os fraseologismos proporcionam a uma mensagem, texto ou segmento de um texto.

Outra função inerente aos fraseologismos é a “conotativa”. Essa tem relação com o ambiente onde é empregado o fraseologismo, isto é, remete a um determinado meio ao ser

utilizado fora dele. Tal meio pode ser uma região, um nível sociocultural, um ambiente determinado ou canal de comunicação específico. Zuluaga (2001) utiliza como exemplo a expressão “pesca milagrosa” que na Colômbia significa seqüestro extorsivo.

Uma quarta função, chamada “icônica”, consiste em remeter a uma imagem concreta, visual. A expressão “um lobo em pele de cordeiro”, por exemplo, possui um sentido literal (a própria imagem) e um sentido metafórico.

A última função, “lúdico-poética”, é obtida por meio de recursos fonéticos e estilísticos, tais como repetições, aliteraões e rimas. Fraseologismos desse tipo conferem ao discurso um toque de graça e humor, daí a origem do nome.

3.4 TIPOLOGIA DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

Visto que são inúmeras as concepções de “Fraseologia” e, por conseguinte, não há um consenso sobre a classificação das UF, enfatizaremos a classificação proposta por Zuluaga (1980) e Corpas Pastor (1996). Posteriormente, com base em alguns estudiosos da área, abordaremos a definição de “locução”, “provérbio”, “refrão”, “colocação” e “expressão idiomática”.

Zuluaga (1980:139) classifica as UF segundo sua estrutura interna e seu valor semântico-funcional. Segundo o autor, as UF são distribuídas da seguinte forma:

1. Locuções

1.1 Instrumentos gramaticais

1.1.1 prepositivas

1.1.2 conjuntivas

1.1.3 elativas

1.2 Unidades léxicas

1.2.1 nominais

1.2.2 adnominais

1.2.3 adverbiais

1.2.3.1 cláusulas

1.2.3.2 circunstanciais

1.2.3.3 advérbios

1.2.4 verbais

1.3 Sintagmas

1.3.1 verbais (1.2.4)

2. Enunciados

2.1 Frases

2.1.1 Clichês

2.1.2 Fórmulas

2.1.3 Ditos

2.2 Textos

2.2.1 Refrões

Corpas Pastor (1996:270), a seu turno, divide as UFs em:

1. Locuções;
2. Enunciados fraseológicos (paremias);
3. Colocações.

3.4.1 *Locução*

Casares (1969:170) denomina “locução” a “combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitario consabido no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes”. O autor acrescenta que as locuções podem ser classificadas do ponto de vista morfológico e funcional e podem ser divididas em locuções “significantes” e “conexivas”.

As “locuções significantes” ou “conceituais” são as que correspondem a uma representação mental. São elas:

“Nominais” (equivalem a um nome): tocino del cielo, la carabina de Ambrosio;

“Adjetivas” (funcionam como adjetivo): una mujer de rompe y rasga;

“Verbais” (se compõem a partir de um verbo): tomar el olivo, ponerla de vuelta y media;

“Participiais” (formadas por verbos no particípio): hecho un mar de lágrimas;

“Adverbiais” (formadas por advérbios): en un santiamén;

“Pronominais” (tem função de pronome): cada quisque que equivale a cualquiera.

“Interjetivas” ou “Exclamativas” (exclamações que incluem várias palavras):

¡ Ancha es Castilla!.

As “locuções conexivas”, por sua vez, são utilizadas para relacionar orações ou vocábulos. Podem ser:

“Conjuntivas” (assumem a função de conjunções): ahora bien, con tal que, a pesar de que;

“Prepositivas” (assumem a função de preposições): al través de, en torno a, por encima de.

Para Xatara (1994:23), o termo “locução” “quer dizer que se trata de mais

de uma palavra formando um sintagma, uma unidade lexical, que exprime um conceito, e cuja função gramatical, explicita.”. As locuções podem ser “conectivas” , “equivalentes a uma palavra” ou “nacionais”¹⁵:

1) Conectivas:

- “Conjuntivas”: se bem que, desde que, antes que;
- “Prepositivas”: depois de, por entre, através de.

2) Equivalentes a uma palavra:

- “Locuções adverbiais”: às pressas = apressadamente;
- “Locuções verbais”: pôr fogo = incendiar, vou cantar = cantarei;
- “Locuções adjetivas”: de mãe = materno, de Deus = divino.

3) Nacionais:

- “Locuções interjetivas”: Oras bolas!, Valha-me Deus!, Raios te partam!

Após mencionar os tipos de locuções, Xatara argumenta que as EIs, quanto à extensão, podem ser consideradas locuções de conteúdo nacional por possuírem significação global, ou seja, se decompostas perdem o sentido.

3.4.2 *Provérbio*

Os provérbios são expressões que apresentam um ensinamento moral. Na maioria dos casos se originam de um acontecimento histórico. Têm o caráter de uma recordação diante de uma situação semelhante àquela que motivou o surgimento do provérbio. Assim, o valor

¹⁵ O sentido é global, isto é, não é dado pela soma dos significados de seus componentes.

expressivo dos provérbios está no paralelismo que se estabelece entre o momento presente e o passado (Casares, 1969).

Além disso, os provérbios têm elementos rítmicos que não permitem variações de sujeito, tempo e complementos (Xatara, 1994).

São exemplos de provérbios:

- De todo hay en la viña del señor (Casares, 1969);
- No está el horno para bollos (Casares, 1969).

3.4.3 *Refrão*

Se traçar uma tipologia dos fraseologismos é uma tarefa complexa, muito mais obscura é a distinção entre provérbio e refrão. Casares (1969), ao tentar contrastar ditos fraseologismos, afirma que enquanto o primeiro tem caráter de um dito que se situa no passado, o segundo aspira à formulação de uma verdade válida para toda a humanidade, sem distinção de tempo e lugar. Ademais, o refrão dispõe de recursos métricos, rima, aliteraões, entre outros. O provérbio, por sua vez, é formado por expressões espontâneas.

Para ilustrar, o referido autor apresenta os seguintes refrões:

- Al que madruga Dios ayuda;
- No es oro todo lo que reluce.

3.4.4 Colocação

Sinclair (1991) define “colocação” como a ocorrência de duas ou mais palavras juntas. Essas são constituídas de “núdulo” e “colocado”. O “núdulo” consiste no lexema que se deseja pesquisar e “colocados” são os lexemas que combinam com ele.

Muitos fraseólogos incluem as colocações entre os fraseologismos, outros discordam. Mesmo os que não são favoráveis afirmam que não há limites precisos entre combinações livres e colocações, tampouco entre colocações e expressões idiomáticas (Welker, 2004). Em breves palavras, Zuluaga (2002:58) exprime essa imprecisão:

(...) las colocaciones son combinaciones, construcciones lingüísticas compuestas, a medio camino entre libres y fraseológicas, indican que no se identifican, propiamente, con ninguna de estas dos clases sino que, más bien, como fenómeno de intersección, presentan rasgos comunes con unas y otras.

Apesar da imprecisão dos termos, podemos afirmar que a distinção básica entre as colocações e as expressões idiomáticas reside no fato de que o significado das colocações corresponde à soma do significado das partes, o que não ocorre com as expressões idiomáticas. Ou como esclarece Cowie (1981), as colocações são unidades compostas que permitem a substituição de pelo menos um de seus componentes sem que o significado global seja afetado.

Em síntese, as colocações são combinações transparentes determinadas pelo uso. Além disso, são regulares, tanto do ponto de vista semântico quanto gramatical, mas com um grau maior ou menor de fixidez de seus componentes (Zuluaga, 2002).

Para concluir, listamos alguns exemplos de colocações em espanhol presentes no *corpus* pesquisado, versões espanhol e português :

- Correr peligro, correr el riesgo / correr perigo, correr risco;
- Gravemente herido, gravemente dañado / gravemente ferido, gravemente doente;

- Perdidamente enamorado / perdidamente apaixonado.
- Cometer erros, cometer crimes / cometer erros, cometer crimes

3.4.5 *Expressão idiomática (EI)*

Conceito de idiomatismo

As EIs são assim denominadas por constituírem unidades fraseológicas cujo significado não pode ser deduzido a partir de cada componente. (Baker, 1992). Em outras palavras, “para que uma unidade frasal (UF) seja caracterizada com EI, suas partes combinatórias não podem desmembrar em unidades singulares de sentido. Ao contrário, o significado deve ser apreendido a partir da totalidade da UF que se tornará uma, tendo semântica própria e peculiar” (Zavaglia, 2006:29).

ermák (1998:3) evidencia os aspectos que considera mais frequentes nos estudos sobre EIs. Segundo o autor, as EIs são combinações de ao menos duas palavras, possuem uma concatenação única de seus componentes e um certo bloqueio sintático, estão formadas por componentes cujos significados não se desprendem do significado integral, em um de seus componentes há um significado transformado, possuem forma e significados estáveis que podem ser reproduzidos com liberdade e, por último, podem apresentar alguma deficiência transformacional ou anomalia.

Xatara (1998:18), por sua vez, propõe uma definição concisa de EI: “expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Essa definição abrange as principais características das EIs, isto é, são unidades fraseológicas indecomponíveis, conotativas e cristalizadas.

Dizer que as EIs são indecomponíveis é afirmar que elas permitem pouca ou nenhuma variação na forma, uma vez que não correspondem à soma dos significados de suas partes. Se modificada a expressão “pegar no pé” por “pegar na mão”, por exemplo, o sentido idiomático desaparece.

Embora as EIs sejam definidas como indecomponíveis, há estudos que investigam a composicionalidade das mesmas¹⁶. Segundo Wertheimer (2004), há casos em que a ordem dos elementos pode ser alterada (flexibilidade sintática) e outros que possibilitam a inclusão ou substituição de algum elemento sem que o sentido idiomático sofra modificações (flexibilidade lexical).

A segunda característica das EIs, a conotação, é que faz com que uma expressão seja reconhecida como idiomática, ou seja, o sentido literal de uma sequência de itens lexicais dá lugar ao metafórico.

Entretanto, para que uma lexia complexa possa ser denominada idiomática, não basta ser indecomponível e conotativa. É importante também que esteja cristalizada em uma cultura. Conseqüentemente, é a cristalização de uma EI que garante sua inclusão nos dicionários.

Em síntese, consideramos os idiomatismos, também denominados nessa pesquisa “expressões idiomáticas (EIs)” ou “fraseologismos idiomáticos”, como unidades fraseológicas que se caracterizam pela pluriverbalidade, idiomaticidade, cristalização e relativa fixidez. Compreender a fixidez como uma característica relativa consiste em não anular a possibilidade de variação. Nossa pesquisa objetiva justamente dar o devido valor às variações, isto é, demonstrar que elas são usuais e que não afetam o sentido das EIs, com exceção dos os casos em que há desautomatização.

¹⁶ Ver Chafe (1968), Fraser (1970) e Zuluaga (2002).

Identificação das EIs

Nem sempre são os idiomatismos são facilmente reconhecidos. Considerando essa dificuldade, ermák (1998:9) levanta o seguinte questionamento: “¿Cómo se identifica entonces una expresión idiomática en el texto, para poder analizarla o incluirla como tal en un diccionario?”.

A partir da indagação acima, ermák (1998:9-10) propõe três etapas de reconhecimento de uma EI. A primeira consiste em observar se uma determinada combinação textual, ouvida ou lida mais de uma vez, pode ser considerada fixa ou estável. Na segunda etapa a atenção deve estar voltada às alterações, ou seja, é necessário analisar se a expressão após ter sofrido modificação em um de seus componentes permanece com o sentido inicial. Para finalizar, a terceira etapa consiste na verificação da presença de uma metáfora, embora o autor não considere um critério essencial, mas freqüente das EIs.

Sobre as metáforas Lakoff e Johnson (1980) afirmam que há um sistema conceitual subjacente à linguagem que influencia todo pensamento e toda a ação. Em outras palavras, nós pensamos os conceitos metaforicamente. Esses conceitos estão baseados em nossa interação com o meio físico e cultural, isto é, fazem parte de nossa vida cotidiana. Conseqüentemente, o significado dos idiomatismos se estabelece também a partir de nossa interação com o meio.

Tradução de idiomatismos em lexicografia bilíngüe

Um dos obstáculos da tradução, não apenas da tradução de idiomatismos, é lidar com as diferenças entre as línguas, uma vez que há diferentes formas de conceituar a realidade, e a função do dicionário bilíngüe é eliminar esses obstáculos (Svensén, 1993).

Na busca pela eliminação dos obstáculos, o lexicógrafo bilíngüe deve estar ciente dos distintos graus de equivalências entre as línguas.

Tomaszczyk (1983) classifica as equivalências em “complete equivalence”, “partial equivalence” e “no equivalence” enfatizando a dificuldade de se encontrar equivalentes perfeitos.

(...) there are the rare cases of one-to-one correspondence (‘perfect’ equivalence), and at the other end there are items in one language that have no equivalents at all in the other. This does not mean, of course, that the other language cannot ‘say’ the given thing; it ordinarily can, but it does it in a different way. (p.48)

Embora Tomaszczyk aponte a dificuldade de se encontrar equivalentes, aponta também que essa problemática pode ser resolvida com outras estratégias.

Compete ao lexicógrafo bilíngüe oferecer, tanto quanto possível, equivalências precisas e sistematizadas. Ao realizar sua tarefa deve considerar, não apenas o conteúdo de um item lexical ou unidade fraseológica, mas também o uso em uma situação de comunicação.

Em resumo, o lexicógrafo bilíngüe assume o papel de tradutor, uma vez que lida com equivalentes de duas línguas. Para elaborar com qualidade sua obra deve considerar a impossibilidade de se encontrar equivalentes perfeitos entre palavras e expressões, mas também se empenhar na busca de estratégias de tradução que atendam às necessidades dos consulentes.

Tradução de idiomatismos: dificuldades e estratégias

O processo de tradução consta de duas fases: compreensão do texto fonte e expressão da mensagem na língua meta (Yebra, 1983). No caso dos idiomatismos, a primeira dificuldade do tradutor reside em reconhecê-los e interpretá-los corretamente, visto que nem sempre são facilmente identificáveis.

Quanto à tradução dos idiomatismos na língua meta, Baker (1992:68-72) enumera as seguintes dificuldades:

- Uma EI pode não ter equivalente na língua meta;
- Uma EI pode ter equivalente na língua meta, mas o contexto de uso pode ser diferente;
- Uma EI da língua fonte pode ter sentido literal e idiomático;
- A frequência de uso de idiomatismos pode diferir de uma língua para outra.

Além disso, a referida pesquisadora adverte que a maneira como uma expressão idiomática pode ser traduzida para outra língua depende de muitos fatores. Não basta analisar se há um significado similar na língua meta. Fatores como a manipulação das EIs no texto fonte, registro, estilo e efeito retórico também devem ser considerados.

Como estratégias de tradução de idiomatismos, o lexicógrafo / tradutor pode verificar se há na língua meta uma EI com forma e significado idênticos ou ainda usar uma expressão com significado similar, mas com forma distinta. Na ausência de uma expressão idêntica ou similar, a tradução pode ser realizada por paráfrase. Essa consiste na explicação do significado da expressão (Baker, 1992).

Apesar de haver distintas possibilidades de tradução de idiomatismos, alguns pesquisadores, tais como Xatara, Riva e Rios (2001) afirmam que o tradutor, ao identificar uma lexia complexa como expressão idiomática, não deve se contentar com uma paráfrase. Deve utilizá-la apenas como último recurso.

Parafraseando Riva e Rios (2002:6), concluímos o capítulo afirmando que o lexicógrafo bilíngüe, na condição de tradutor, não deve ter o objetivo de estabelecer relações de igualdade entre as EIs, mas sim analisar e expor as semelhanças e diferenças entre as línguas que pretende

abordar. No caso do lexicógrafo bilíngüe empenhado na elaboração de um dicionário de uso, acrescentamos que deve ter o cuidado também de inserir em sua obra EIs realmente usuais.

4. METODOLOGIA

Neste capítulo explanaremos os procedimentos de seleção dos idiomatismos da pesquisa, as ferramentas utilizadas na coleta e análise dos mesmos, bem como os critérios elaborados para definir se são usuais ou não.

Seleção das EIs

As EIs selecionadas nesse estudo¹⁷ foram: “andar / ir de boca en boca; andar / ir en boca de todos”, “a pedir de boca”, “hacerse la boca agua”, “calentarse / romperse la cabeza”, “perder la cabeza”, “irse de las manos”, “poner la mano en el fuego”, “untar la mano”, “buscarle tres / cinco pies al gato” e “no tener ni pies ni cabeza”. A partir da coleta dessas EIs, analisamos também as respectivas traduções.

Optamos pela seleção das EIs acima após observarmos a abundância no DiBU de fraseologismos nos verbetes com partes do corpo. Inicialmente, almejamos analisar todos os fraseologismos de uma única parte do corpo, entretanto nem todos eram idiomáticos. Sendo assim, decidimos selecionar três fraseologismos idiomáticos inseridos nos verbetes “boca”, três inseridos em “mano”, dois inseridos em “cabeza” e dois inseridos em “pie”.

¹⁷ A tabela dos idiomatismos e suas traduções está disponível no apêndice.

Ferramentas utilizadas na coleta e análise das EIs

Conforme mencionamos na introdução, as ferramentas utilizadas na pesquisa foram o sistema de busca *Google*¹⁸ e o *corpus* eletrônico¹⁹ de textos jornalísticos de língua espanhola e portuguesa (variante do Brasil).

O *corpus* de textos jornalísticos foi utilizado na análise dos aspectos semânticos e contexto de uso, uma vez que nos permitiu observar com mais facilidade como as EIs são usadas. A Web, por sua vez, nos forneceu subsídios para analisar se elas são usadas e com que frequência.

Segundo Sinclair (1991), para ter representatividade o *corpus* deve ser o mais extenso possível. Isso se deve ao fato de que quanto maior for o *corpus* maior será a probabilidade de ocorrerem palavras ou fraseologismos de baixa frequência. Ainda que a Web seja criticada como uma base textual com conteúdo desconhecido e impossível de ser controlada, escolhemos esse recurso para a coleta da frequência justamente por se impor como a maior e mais acessível base textual, além de ser rica em linguagem coloquial.

Além do *Google* e do *corpus* citado, foram úteis os dicionários monolíngües de espanhol *Diccionario de la Real Academia Española* (DRAE) e *Diccionario de Uso Del Español* (DUE), de María Moliner. Ambos foram selecionados por serem considerados dicionários renomados de língua espanhola e por apresentarem expressões idiomáticas variantes.

¹⁸ www.google.com e www.google.com.br

¹⁹ HUMBLÉ, PH. *Corpus de español / português*. UFSC, 1997/1998.

Procedimentos de coleta das EIs

A frequência dos idiomatismos em espanhol foi coletada no *google.com* e a frequência em português, no *google.com.br*. Para tanto, pesquisamos os idiomatismos com os verbos no infinitivo e na terceira pessoa do presente, pretérito perfeito e imperfeito do indicativo. Escolhemos a terceira pessoa porque é mais provável encontrar na internet abundância de casos nessa forma, tal como constatamos em coletas prévias. Tomamos como exemplo a EI “andar / ir de boca en boca”. Foram computadas as ocorrências de “andar de boca en boca”, “anda de boca en boca”, “andaba de boca en boca” e “anduvo de boca en boca”. Posteriormente, analisamos a frequência de variantes em espanhol, tais como “ir de boca en boca” e “correr de boca en boca”. Ademais, coletamos a frequência da EI inserida como tradução (andar de boca em boca) e de suas possíveis variantes (cair / estar na boca do povo). Finalizada a coleta, analisamos os exemplos do *corpus* e de algumas páginas do *Google*, a fim de observar em que contexto são utilizadas as EIs e se elas são usuais.

A pesquisa à frequência dos idiomatismos foi realizada em datas distintas²⁰, dada a impossibilidade de empreender esse trabalho em um único dia. Foi efetivada, mais precisamente, no período de março a junho de 2007. Consideramos uma metodologia adequada, pois, conforme mencionamos no parágrafo anterior, não objetivamos comparar a frequência das dez EIs para detectar a mais usual delas, mas analisar se cada qual é representativa.

Tampouco objetivamos tecer uma comparação da frequência dos idiomatismos em espanhol com a frequência da tradução ao português. É inviável empreender uma pesquisa dessa natureza sem parâmetros estatísticos bem delineados, uma vez que o número de páginas da Web em espanhol é superior ao número de páginas de português, e, conseqüentemente, o número de

²⁰ A frequência detalhada dos idiomatismos está localizada nos apêndices B, C, D e E e data de pesquisa de cada um, no apêndice A.

páginas do *Google* também se diferencia de uma língua a outra. Segundo uma pesquisa da *Funredes*²¹, em 2005 a presença absoluta da língua espanhola na Web frente ao inglês era de 4.60% e de português era de 1.87%.

Critérios de análise da representatividade das EIs

Em um primeiro momento, observamos que as EIs abordadas apresentaram frequência que justifica a inclusão no DiBU²². Com base nessa constatação, analisamos a forma como foram inseridas, isto é, se foram contempladas as variantes mais usuais. Isso porque defendemos que os dicionários de uso não devem apenas inserir EIs, mas oferecer aos consulentes as EIs nas formas mais habituais.

Após a coleta das EIs e a observação do contexto de uso das mesmas, elaboramos três critérios de representatividade do uso. Classificamos uma EI como “representativa” quando a variante inserida no *DiBU* foi a mais usual, “parcialmente representativa” quando foi detectado um número menor de ocorrências na forma como foi inserida no *DiBU* e maior quando pesquisada com outras variantes e, por último, “EI com representatividade nula” quando não foram localizadas ocorrências no *Google* nem no *corpus*.

Por fim, com a coleta das EIs realizada e os critérios delimitados, elaboramos a análise de cada uma delas para então definir a porcentagem de representatividade de cada língua e esclarecer outras conclusões a que chegamos.

²¹ Informação disponível em: <http://funredes.org/lc/espanol/medidas/sintesis.htm> . Acesso em 16/03/08.

²² A média de frequência das EIs na língua espanhola e na língua portuguesa foi apresentada na conclusão do trabalho.

5 ANÁLISE DOS IDIOMATISMOS

5.1 ANDAR / IR DE BOCA EN BOCA; ANDAR / IR EN BOCA DE TODOS

A EI “andar/ir de boca en boca” é usada quando uma notícia ou assunto se torna público ou amplamente divulgado. Ao ser atribuída a uma pessoa, indica que ela é objeto de murmúrios ou escândalos. É variável, uma vez que apresenta a possibilidade de modificação verbal e de outros componentes. No DiBU foram apresentados os verbos “andar” e “ir” como possibilidades de variação verbal e “andar / ir en boca de todos”, como expressão sinônima. Assim, segundo a classificação proposta por Guilhermina Jorge (2001:215-222), o DiBU faz duas indicações de variantes: a EI pode ter variante verbal e sinonímica.

Visto que o DiBU sugere a possibilidade de variação verbal da EI, efetivamos uma pesquisa ao *Google* com o intuito de detectar o número de ocorrências de “andar de boca en boca” e de “ir de boca en boca”. Ademais, pesquisamos a EI com verbos não sugeridos no DiBU (“correr”, “estar” e “pasar”), mas existentes no *Google*, e sem o verbo correspondente (apenas o fragmento “de boca en boca”). Foram detectadas 330.000 ocorrências para “de boca en boca”. No que se refere às ocorrências com adição de verbos, foram encontrados 39.182 casos. Sendo assim, a EI pode ser considerada de uso freqüente na língua espanhola, o que justifica a inclusão no DiBU.

Apesar de considerarmos positiva a inserção da EI “andar/ir de boca en boca” no DiBU, sugerimos a inclusão do verbo “pasar” junto a essa expressão, uma vez que os dados indicam o predomínio de ocorrências com esse verbo. Isso se deve ao fato de que a EI, em sua essência, dá a idéia de deslocamento, de algo que é transmitido de uma pessoa à outra, logo é comum o uso de verbos de movimento.

Outros verbos que indicam movimento, “ir”, “correr” e “andar” obtiveram, respectivamente, a segunda, a quarta e a última posição. “Estar”, por sua vez, ficou em terceira posição. Diferentemente dos demais, é um verbo de ligação com uma indicação implícita de movimento. Em algumas ocorrências, como em “esta noticia está corriendo de boca en boca en Internet”, o verbo “estar” foi inserido junto a um verbo de movimento, formando uma locução verbal. Em outras, entretanto, não. O trecho “lo cierto es que ahora el tema está de boca en boca” é um exemplo de uso do verbo “estar” com omissão de um verbo de movimento.

Avaliando os dados acima, percebemos que a EI em questão poderia ter sido apresentada no dicionário de maneira mais criteriosa, pois além de não ter sido inserido o verbo “pasar”, indicado em nossas pesquisas como o mais usual, no exemplo que acompanha a expressão (el escândalo del alcalde corre de boca en boca) não consta nenhum dos dois verbos incluídos no DiBU. Devido aos limites de espaço destinado aos fraseologismos nesse tipo de dicionário, é compreensível que não tenha sido arrolado o verbo “correr”, já que não é possível expor uma lista de possíveis variantes, mas selecionar as mais usuais. A questão é que se o verbo não foi inserido, não deveria ter sido utilizado no exemplo.

Na pesquisa à EI “andar / ir en boca de todos” foi elaborada uma tabela cujos verbos selecionados foram também “andar”, “ir”, “estar”, “correr” e “pasar”. Predominaram as ocorrências com o verbo “estar”, ou seja, das 92.277 ocorrências com verbos, 88.304 foram de

“estar”. O segundo verbo em número de ocorrências foi “andar”, com 2.818. “Correr”, a seu turno, apresentou 1.149 casos, “ir” 6 e para “pasar” não foi detectado nenhum caso.

Conclui-se, portanto, que a EI apresentou um número expressivo de ocorrências, chegando a aparecer no *Google* 211.000 páginas, quando pesquisado apenas o fragmento “en boca de todos”. No entanto, não foi apresentada no DiBU com o verbo “estar”, verbo que obteve o maior número de ocorrências. Portanto, podemos afirmar que a expressão em questão reflete parcialmente o uso real, já que apresenta um número considerável de ocorrências, mas aponta apenas os verbos “andar” e “ir” como possibilidade de variação, desconsiderando o verbo “estar”.

Como forma de identificar outras alternativas de variação da EI “andar / ir en boca de todos”, foram pesquisados os fragmentos “en boca del pueblo”, “en boca de todo el mundo” e “en boca de la gente”. A busca foi efetivada primeiro sem inserção de verbos e, posteriormente, com os verbos “andar”, “ir”, “estar”, “correr” e “pasar”, seguindo o padrão das duas buscas anteriores.

Analisando as tabelas de ocorrências, percebemos a predominância de “en boca de todo el mundo” sobre as demais variantes da EI, tanto ao serem pesquisados apenas fragmentos sem verbo quanto na busca com acréscimo dos mesmos. Ademais, em todas as três variantes supostas houve preponderância do verbo “estar” e nenhuma ocorrência para o verbo “pasar”. No caso do verbo “andar”, o maior número de ocorrências foi detectado na variante “en boca de todo el mundo” (264). Quanto ao verbo “ir”, no *Google* foram localizadas somente 2 ocorrências de “en boca de todo el mundo” e 1 de “en boca de la gente”.

Em suma, foi possível detectar que “en boca de todo el mundo” é, das três últimas variantes pesquisadas, a mais usual na língua espanhola, entretanto não supera o uso da EI “en boca de todos”, isto é, a forma apresentada no dicionário como segunda opção.

Após a verificação e análise das ocorrências, concluímos que a inserção das EIs “de boca en boca” e “en boca de todos” no DiBU foi uma escolha conveniente, já que os dados

demonstram que são habituais na língua espanhola. Recomendamos, no entanto, a inclusão do verbo “pasar” junto à expressão “de boca em boca” e “estar” junto à variante “en boca de todos”.

No que concerne à tradução, no DiBU constam as EIs “andar de boca em boca” e “cair/estar na boca do povo”.

Quanto à frequência do *Google*, “de boca em boca” apresentou 52.100 ocorrências; “andar de boca em boca”, 1.328; “circular de boca em boca”, 268; “correr de boca em boca”, 1.623; “espalhar de boca em boca”, 15; “ir de boca em boca”, 1.545, “passar de boca em boca”, 1.631 e “transmitir de boca em boca”, 9.

Sintetizando, o fragmento “de boca em boca” apresentou mais de 50.000 ocorrências. Já na busca da EI com inclusão de verbos, predominou o verbo “passar”, em segunda posição o verbo “correr”, em terceira o verbo “ir” e apenas em quarta o verbo “andar”, verbo sugerido no DiBU. “Circular”, “espalhar” e “transmitir” foram os verbos com menor número de ocorrências.

Visto que “de boca em boca” possui frequência expressiva, sua inserção no DiBU é válida, entretanto os dados coletados indicam que “passar de boca em boca ” e “correr de boca em boca” podem ser incluídos como outras opções de variação.

Na busca por “na boca do povo” foram constatadas 7.257 ocorrências ao serem pesquisadas com inclusão dos verbos. Predominaram os verbos “cair” e “estar”, evidenciando que a EI, tal como foi apresentada no DiBU, é usual na língua portuguesa.

A exemplo da pesquisa à EI em espanhol, foram investigadas outras possibilidades de variação de “na boca do povo”: “na boca de todos” e “na boca de todo mundo”. Para a primeira variante foram detectadas 10.900 ocorrências sem verbos e um total de 6.782 com os verbos “andar”, “cair”, “circular”, “correr” e “estar”, dentre esses predominou “estar na boca de todos”.

Em “na boca de todo mundo” foram constatadas 4.990 ocorrências sem inserção de verbos e 1.691 ocorrências com os mesmos verbos pesquisados na primeira variação. Uma vez mais prevaleceu a variação com o verbo “estar”.

Resumindo, “na boca de todo mundo” possui ocorrências mínimas, se comparada com os resultados de “na boca de todos” e “na boca do povo”. Enquanto foram detectadas 7.257 ocorrências para “na boca do povo” com inserção de verbos e 6.782 para “na boca de todos”, “na boca de todo mundo” apresentou apenas 1.691 casos com inclusão de verbos. Dessa maneira, constatamos que a tradução arrolada no DiBU, nesse aspecto, também representa o uso real. Além disso, essa pesquisa permitiu detectar a relevância do verbo “estar”, tanto na expressão da forma como foi apresentada no DiBU, quanto nas modificações realizadas.

5.2 A PEDIR DE BOCA

Inserida no verbete “boca” a EI “a pedir de boca” denota algo realizado conforme o desejado. No *Google* foram encontradas 83.900 ocorrências em diversos contextos, entre eles política, gastronomia e esportes.

Apesar de no DiBU não terem sido arroladas variantes, a pesquisa aos dicionários DRAE e DUE apontou “a qué quieres boca” como variante sinónímica. Essa forma, no entanto, apresentou somente 85 ocorrências no *Google*. Observamos, portanto, que essa variante possui significado idêntico, porém é menos usual.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é o uso criativo da EI. Os fragmentos “tratamiento a pedir de boca”, “salsa a pedir de boca” e “empate San Lorenzo – River a pedir de Boca” exemplificam o recurso empregado. Metaforicamente esses trechos significam, respectivamente, um tratamento dentário de qualidade, um molho saboroso e uma boa atuação de

uma das equipes de futebol mencionadas. Inseridos no contexto passam a adquirir conotação criativa. Em outras palavras, o primeiro fragmento remete o leitor ao sentido metafórico da EI, isto é, o tratamento dentário é satisfatório, mas também há também uma significação literal da “boca” como a parte do corpo onde estão localizados os dentes. E é justamente a articulação entre o sentido figurado e o literal que permite uma unidade com conotação criativa. O mesmo ocorre com o segundo fragmento, pois além de sugerir o sabor do molho, indica que a “boca” é a parte do corpo onde ocorre a ingestão dos alimentos. No terceiro trecho a criatividade é mais acentuada. Em um primeiro momento, a EI demonstra que o empate resultante do jogo disputado pelos times *San Lorenzo* e *River Plate* beneficiou um deles. No entanto, *Boca* (com letra maiúscula) é o maior rival de *River Plate*, logo um jogo “a pedir de boca” é aquele que traz vantagem ao *Boca Juniors*.

Os três fragmentos acima exemplificam as dificuldades pelas quais passa o tradutor. Esse, “logo após ter identificado uma EI como unidade de tradução mínima, deve então determinar seu sentido figurado que na verdade se fundamenta no literal”. (Xatara, 1998:70). Para a realização da tradução do terceiro fragmento, por exemplo, é necessário que o tradutor reconheça “a pedir de boca” como uma EI fundamentada em um sentido literal, mas também perceba os aspectos culturais inerentes ao texto. No exemplo dado, especialmente, deve estar ciente da rivalidade entre *Boca Juniors* e *River Plate*, caso contrário não perceberá a intenção criativa do autor do texto.

Como equivalentes de “a pedir de boca” foram atribuídas quatro UFs. Ambas possuem conotação positiva, isto é, manifestam a satisfação de uma necessidade ou de um desejo. São elas: “cair como uma luva”, “vir a calhar”, “de encomenda” e “melhor que a encomenda”. Embora haja um significado comum a essas UFs, há também algumas distinções que devem ser consideradas ao analisarmos se elas são, de fato, equivalentes.

“Cair como uma luva” representa uma adequação aos interesses de alguém. Por meio de dois fragmentos pesquisados no *Google* percebemos dita adequação. O primeiro, “sua ajuda vai cair como uma luva”, demonstra um auxílio oferecido em hora propícia. Já “o assunto do artigo caiu como uma luva para mim”, tanto pode representar o momento oportuno em que o artigo foi lido, quanto a relação que o leitor faz entre o texto e sua vida. A EI também é usada quando se quer dizer a uma pessoa que determinada roupa ou acessório fica adequado ao seu corpo e/ou estilo de vestir.

No que diz respeito à frequência de “cair como uma luva”, foram encontrados 165.278 casos, logo essa é uma EI altamente representativa. Também foram detectadas as variantes verbais “assentar como uma luva”, “calhar como uma luva”, “encaixar-se como uma luva”, “servir como uma luva” e “vestir como uma luva”. Dessas variantes, predominou “assentar como uma luva”, com 23.502 casos. “Servir como uma luva” e “encaixar-se como uma luva” também apresentaram número considerável de ocorrências, respectivamente, 19.361 e 13.757.

Embora tenha sido incluída no DiBU a variante mais usual, os exemplos analisados no *Google* e no *corpus* indicam que “cair como uma luva” não é a EI que melhor equivale a “a pedir de boca”. Se adequa mais como equivalente de “caer como anillo al dedo”. No próprio DiBU esse idiomatismo está localizado no verbete “anillo” seguido da tradução “cair/assentar como uma luva”, “ficar perfeito”. Curiosamente, pesquisamos as ocorrências do *Google* em espanhol para “como anillo al dedo” e suas variantes e também identificamos um número significativo de ocorrências. Os dados indicam, entretanto, o predomínio das ocorrências de “venir como anillo al dedo”, não de “caer como anillo al dedo”.

No caso de “vir a calhar”, o significado segue os padrões de “cair como uma luva”, mas a frequência se difere. Foram localizadas 48.160 ocorrências. Além disso, ao realizarmos a pesquisa à frequência da EI, observamos que são comuns os casos em que há a inclusão de um

elemento, tais como “bem” em “vir bem a calhar” e “mesmo” em “vir mesmo a calhar”. A frequência da EI com inclusão de “bem” foi de 41.159 casos e com a inserção de “mesmo” foi superior a “vir a calhar”, ou seja, foram detectados 62.294 casos. Isso confirma que a fixidez das EIs não impede as manipulações.

A EI “melhor que a encomenda”, a seu turno, é a menos usual das equivalências sugeridas (10.100 ocorrências), além de possuir um sentido mais enfático. Enquanto “cair como uma luva” e “vir a calhar” representam a realização de uma necessidade em momento oportuno, podendo ser consideradas UFs sinônimas, “melhor que a encomenda” remete a uma perfeição tal que supera as expectativas.

Quanto ao fraseologismo “de encomenda”, foram localizadas 1.210.000 ocorrências. Visto que a maioria possui sentido literal, como é o caso de “o sistema repete a fórmula “on line” usada pela própria Fiat para a venda através de encomenda”, não é possível comparar sua frequência com as demais EIs. O que se pode ressaltar é que, quando usada em sentido figurado, seu sentido se assemelha a “cair como uma luva” e “vir a calhar”.

Resumindo os dados obtidos, detectamos que a EI “a pedir de boca” é representativa, pois a variante mais usual foi inserida no DiBU. A frequência das UFs apresentadas como tradução também pode ser considerada significativa. Acrescentamos ainda, que apesar de terem sido inseridas UFs com significado semelhante, mas com valor expressivo distinto, isso não impede a compreensão. Para a produção, entretanto, sugerimos a inclusão de uma informação sobre a EI “melhor que a encomenda”, isto é, que ela venha acompanhada uma explicação indicando a superação de expectativas. Também sugerimos a inclusão de informação acerca dos distintos contextos de uso da EI “cair como uma luva”.

5.3 HACERSE LA BOCA AGUA

Quando vemos ou lembramos de um alimento que apreciamos, as glândulas salivares automaticamente começam a segregar saliva. Para expressar essa sensação utiliza-se em espanhol o fraseologismo “hacerse la boca agua”. Além de remeter ao prazer de ver, imaginar ou recordar uma comida saborosa, também é empregado em qualquer situação que haja expectativas positivas.

Para exemplificar a variedade de contextos da EI, destacamos dois fragmentos encontrados no *Google*: “se les hace la boca agua con sólo ver un bombón” e “disfruta viendo una tierna modelo que te va a hacer la boca agua”. A primeira remete ao sabor do chocolate e a segunda, à sensualidade de uma modelo.

No DiBU, a EI “hacerse la boca agua” está localizada no verbete “boca” e apresenta “dar água na boca” como equivalente em português.

Na pesquisa à frequência do *Google*, foram localizadas 64.049 ocorrências para “hacerse la boca agua”. Ademais, foi identificada a possibilidade de variação de “la boca agua” por “agua la boca”. Essa variante, em número de ocorrências (60.366), se aproxima da forma inserida no dicionário.

Constatadas ocorrências para a variante “hacerse agua la boca”, consideramos relevante o acréscimo no DiBU como auxílio ao consulente brasileiro que almeja aprimorar sua produção em espanhol. Para a compreensão, entretanto, essa informação é dispensável, uma vez que em português há uma expressão idêntica em forma e sentido. Em outras palavras, o tradutor ou aprendiz da língua associa facilmente à expressão “dar água na boca”.

A tradução “dar água na boca” apresentou no *Google* 122.705 ocorrências. Quanto à variação, em português pode haver substituição de “dar água na boca” por “deixar com água na

boca” e “ficar com água na boca”. É o caso de “deixar o público com água na boca” e “para ficar com água na boca”, ambos pesquisados no corpus em português. Inclusive, há casos em que a expressão é usada com outros verbos para enfatizar o desejo, como no exemplo “colocou água na boca dos cinéfilos”. A ênfase, nesse caso, se deve ao fato de não ter sido um desejo espontâneo de alguém, mas a intenção de uma segunda pessoa em provocar essa sensação.

Para concluir, ressaltamos que as EIs “hacer la boca agua” e “dar água na boca” são realmente equivalentes em sentido e possuem frequência que justifica a inclusão no DiBU. Sugerimos, entretanto, a inclusão de “hacer agua la boca” para que o consulente tenha ciência da possibilidade de variação dessa EI.

5.4 CALENTARSE / ROMPERSE LA CABEZA

A EI “calentarse la cabeza” significa empenho para realizar algo difícil ou impossível, além de indicar preocupação ou esforço mental. No verbete “cabeza” do DiBU foram inseridas duas variantes verbais: “calentarse la cabeza” e “romperse la cabeza”. Essas vêm acompanhadas de um exemplo em espanhol e de sua tradução ao português, além da remissão ao verbo “pensar”.

No DiBU foi arrolada também a EI “calentar la cabeza”. No referido dicionário não foi tratada como uma variante e sim como expressão morfologicamente semelhante, porém com acepção distinta. Enquanto “calentarse la cabeza” remete ao esforço mental, “calentar la cabeza” foi arrolada como expressão indicativa de um certo incômodo ou amolação provocado por alguém.

No DRAE as acepções e variantes foram arroladas de maneira distinta, isto é, foram apresentadas três variantes verbais seguidas de seus significados:

DRAE	
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	ACEPÇÃO
• Calentarse la cabeza	Fatigarse en el trabajo mental.
• Romperse la cabeza	Devanearse los sesos.
• Quebrarse la cabeza	Hacer o solicitar alguna cosa con gran cuidado, diligencia o empeño, o buscarle con mucha solicitud, especialmente cuando es difícil o imposible su logro.

Quadro 1 - DRAE – Calentarse / romperse / quebrarse la cabeza.

No DUE também foram inseridas as três possibilidades de variação verbal.

DUE	
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	ACEPÇÃO
• Calentarse la cabeza (Romper[se] la cabeza	- Pensar o estudar mucho - Meditar o cavar sobre algo
• Romperse la cabeza <i>con algo</i>	Calentarse la cabeza
• Quebrarse la cabeza	Romperse la cabeza

Quadro 2 – DUE - Calentarse / romperse / quebrarse la cabeza.

Com base nas possibilidades apresentadas pelo DiBU e pelos dicionários monolíngües mencionados acima, foram pesquisadas no *Google* as ocorrências de “calentarse la cabeza”, “romperse la cabeza ” e “quebrarse la cabeza”. Predominou “romperse la cabeza”, com 66.978; em segundo lugar, “calentarse la cabeza”, com 11.998. “Quebrarse la cabeza”, por sua vez, apresentou um número ínfimo de ocorrências em relação às demais, apenas 1.002.

Visto que o número de ocorrências para a EI com a variante verbal “quebrarse” foi de apenas 1.002 contra 66.978 de “romperse” e 11.998 de “calentarse”, a não inclusão desse verbo

como possibilidade de variante da EI, se justifica. Em outras palavras, a expressão, da forma como foi apresentada no DiBU, reflete o uso real.

Na pesquisa ao *corpus* foram detectadas duas ocorrências de “romperse la cabeza”. São elas: “Así, no nos rompemos la cabeza” e “la navidad bien organizada en casa no comienza con el romperse la cabeza para saber qué voy a regalar”. “Calentarse la cabeza” e “quebrarse la cabeza”, entretanto, não apresentaram ocorrências.

Apesar do *corpus* apresentar somente duas ocorrências para “romperse la cabeza”, a pesquisa à “así, no nos rompemos la cabeza” contribuiu para o levantamento da hipótese de que muitas ocorrências são antecedidas por negação. Logo, foi realizada uma pesquisa ao *Google* a fim de detectar ocorrências dessa natureza. De fato, foi localizado um número considerável. Para ilustrar, apresentamos três exemplos de cada uma das variantes estudadas:

- Calentarse la cabeza
 ...*no hay que* calentarse la cabeza en nada más
 ...*no merece la pena* calentarse la cabeza
encontrar algo que le diese el dinero suficiente para vivir *sin* calentarse la cabeza.

- Romperse la cabeza
 ...era mejor *no* romperse la cabeza con ello.
 ...*para qué* romperse la cabeza en tomar nuestras propias decisiones
 ...*tampoco hay que* romperse la cabeza

- Quebrarse la cabeza
 ...*no sirve de nada* quebrarse la cabeza por esta palabrita
 ...*no necesitaba* quebrarse la cabeza para elegir qué canal de televisión ver
 ...*no tendrá que* quebrarse la cabeza en el intento de competir en software

Outra observação é a de que a EI “calentar la cabeza” foi incluída no verbete “cabeza” e no verbete “calentar”, o que não ocorre com “calentarse la cabeza”. No verbete “calentar” a variante sugerida para “calentar la cabeza” é “calentar los cascos”, que, por sua vez, foi uma das

EIs inseridas também no verbete “casco”. Não ocorre o mesmo com “romperse la cabeza”, uma vez que foi inserida apenas no verbete “cabeza”. Isso indica a ausência de um critério específico de inclusão das EIs.

Quanto à tradução, o DiBU apresentou como equivalentes em português “esquentar a cabeça” e “quebrar a cabeça”. Conforme pesquisa ao *Google*, preponderam as ocorrências de “quebrar a cabeça”.

No *Google* foram localizadas outras formas de variação da EI em português. São elas: “esquentar a cuca”, “fundir a cuca”, “quebrar a cuca” e “queimar os neurônios”. Nessa pesquisa preponderou o uso de “fundir a cuca”.

Após a verificação da frequência de “fundir a cuca”, realizamos uma pesquisa ao verbete “fundir” do volume 2 (português – espanhol)²³ do DiBU para identificarmos a presença da EI nessa direção. Para “fundir a cuca” foram inseridos os equivalentes “romperse la cabeza” e “devanearse los sesos”. Se “fundir a cuca” foi inserida no volume 2 como EI equivalente de “romperse la cabeza”, no volume 1 também poderia ser incluída como equivalente em português. No entanto, a não inclusão é compreensível, pois se compararmos a frequência de “esquentar a cabeça” (17.027 casos) e de “quebrar a cabeça” (33.528) com “fundir a cuca” (1.094), observaremos que a última é consideravelmente inferior.

Em resumo, os dados coletados indicam que a EI em espanhol “romperse la cabeza” e sua tradução “quebrar a cabeça” são as formas mais usuais da EI. Visto que as duas foram inseridas no DiBU, nesse aspecto o dicionário oferece informações representativas.

²³ Ressaltamos que esse trabalho visa à pesquisa ao volume 1 (español- portugués) do DiBU. A pesquisa ao verbete “fundir” do volume 2 foi realizada apenas como forma de enfatizar a relevância da expressão “fundir a cuca”.

Por outro lado, enfatizamos que a pesquisa a “calentarse / romperse la cabeza” evidenciou a ausência de critérios para a inserção de fraseologismos. Ora são incluídas apenas no verbete “cabeza”, ora são encontradas também no verbete relativo ao verbo.

5.5 PERDER LA CABEZA

A EI “perder la cabeza” foi inserida no verbete “cabeza”. É usada quando alguém atua irracionalmente por algum motivo: por amor, por ódio, por ambição ou esquecimento. Essa significação se fundamenta no fato de que a “cabeça” é considerada a sede do entendimento e da razão, portanto sentimentos irracionais, como o amor, afetam especialmente essa parte do corpo.

No *Google* foram localizadas em espanhol 206.662 ocorrências. Embora algumas ocorrências apresentem sentido literal, como é o caso de “el placer de sentir la melena al viento es único pero el casco es la mejor forma conocida de no perder la cabeza en caso de accidente”, a maioria possui conotação metafórica. Alguns exemplos retirados do *Google* ilustram os diversos contextos de uso. Em “yo también quiero encontrar a alguien que me haga perder la cabeza”, o sentimento que permeia a expressão é o amor. No caso de “Alzheimer: 12 hábitos para no perder la cabeza” o que está em questão é a perda de memória, isto é, a EI é associada ao esquecimento. Já no fragmento “el único que no puede perder la cabeza es el árbitro” a ênfase é dada à impossibilidade do árbitro de demonstrar descontrole emocional ou ira.

É oportuno destacar que essa EI é comumente usada em páginas esportivas. Até mesmo no corpus pesquisado predominam as ocorrências desse gênero. Consideramos que a razão da frequência nesse tipo de páginas é a competitividade, ou seja, as pessoas competitivas geralmente tendem a agir com agressividade e, conseqüentemente, “perdem a cabeça” com certa facilidade.

Além dos exemplos acima, há outros em que a EI é usada de maneira criativa. No trecho “no debemos perder la cabeza hay que usarla” a junção entre as UF’s “perder la cabeza” e “usar la cabeza” é que oferece esse tom criativo.

Apesar da EI adquirir acepções diversas, conforme demonstram os exemplos acima, não foram detectadas variações na forma.

No que concerne à tradução, no dicionário foi inserida a EI “perder a cabeça”. De acordo com as pesquisas ao *Google* e nossas experiências como falantes da língua portuguesa, consideramos essa tradução ideal, visto que o sentido e a forma são idênticos. Também consideramos representativo o número de ocorrências nas duas línguas.

Em resumo, as ocorrências indicam que “perder la cabeza” e “perder a cabeça” são EIs equivalentes em forma e sentido e o número dessas ocorrências justifica a inclusão no DiBU.

5.6 IRSE DE LAS MANOS

A EI “irse de las manos” foi inserida no verbete “mano” do DiBU. As EIs incluídas como tradução, “escapar das mãos” e “fugir ao controle”, indicam que o significado está relacionado à perda de controle de uma situação, ainda que haja um esforço para dominá-la.

Ao contrário do DiBU, no DRAE a EI foi arrolada no singular:

DRAE	
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	ACEPÇÃO
• <i>Irse de la mano una cosa</i>	Escaparse, caerse de ella.

Quadro 3 – DRAE – Irsele de la mano una cosa.

No DUE, por sua vez, a expressão foi arrolada no plural:

DUE	
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	ACEPÇÃO
• Írsele a alguien una cosa de las manos	Escaparse de las manos

Quadro 4 – DUE – Írsele a alguien una cosa de las manos.

Tanto as informações pesquisadas no *Google* quanto às obtidas por meio da consulta ao DRAE e DUE apontam para a existência das variantes “mano” e “manos”.

No *Google* foram detectadas 104.900 ocorrências de “irse de las manos” e 241.900 de “irse de la mano”, predominando a variante no singular.

Analisando os dados acima, afirmamos que exemplos localizados no plural remetem ao descontrole de uma situação, como é o caso de “algo ocurría y yo no podía hacer nada , la situación se me iba de las manos” . No singular, além de haver casos dessa natureza, há outros com sentido literal como em “Max, antes de irse de la mano de su enamorada y con el público que feliz se llevaba su libro, confesaba: “No he querido protagonismo”.

A justificativa para o predomínio de ocorrências no singular reside no fato de haver abundância de casos com sentido literal entre os casos com sentido figurado. Tecida essa consideração, concluímos que as duas formas são usuais.

Posteriormente, localizamos ocorrências da EI com a inclusão de objeto indireto, tais como “me”, “le” e “nos”. Tomamos como exemplo as ocorrências do *Google* “Afganistán se le va de las manos a Estados Unidos. Los talibán han perfeccionado sus técnicas e importan tácticas de Irak frente al Ejército estadounidense” e “el destino económico del país se nos va de la mano”.

A busca às ocorrências com os objetos indiretos “me”, “le” e “nos”, seguidos da variante “manos”, resultou em 38.740 ocorrências para “me”, 56.110 para “le” e 32.800 para “nos”, totalizando 127.650 casos.

Com a variante “mano” e os objetos indiretos “me”, “le” e “nos” foi detectado menor número de ocorrências. Foram encontrados 67.059 casos: 17.995 casos de “me”, 38.903 de “le” e 10.161 de “nos”.

Contrastando as ocorrências pesquisadas com inserção dos objetos indiretos “me”, “le” e “nos” e as ocorrências sem os objetos indiretos, detectamos a existência de maior número de ocorrências no singular para os casos pesquisados sem objeto indireto. Na busca com inclusão dos objetos indiretos, entretanto, prevaleceram as ocorrências no plural.

Em resumo, a pesquisa com a inserção dos objetos indiretos confirma a relevância da EI no plural, ao passo que assinala a existência de ocorrências no singular com sentido figurado e também com sentido literal, como no exemplo “Si eso ya era tener mala pata, resulta que al caerse, la cuchara se le fue de la mano y cayó al suelo”.

Uma segunda observação é a de que no dicionário em questão foi inserida separadamente a EI “irse la mano”²⁴. Essa forma é semelhante de “irse de las manos”, porém a acepção é distinta (exagerar na dose de, exagerar, carregar em), daí a necessidade de haver separação. Da mesma maneira, consideramos conveniente a indicação das distintas acepções de “ir de la mano”. Isso se deve ao fato de que, na maioria dos casos analisados, a EI corresponde à “caminhar junto com”, isto é, remete à simultaneidade ou junção de algo, não somente ao des controle de uma situação. Geralmente as ocorrências com esse significado são seguidas da preposição “con”. O fragmento retirado do *corpus* “en los últimos años los avances en materia odontológica han ido de la mano con los avances tecnológicos”, por exemplo, explicita que os avanços da odontologia acompanham os avanços tecnológicos. Da mesma forma, a ocorrência do *Google* “Opino que la

²⁴ A menção a “irse la mano” é apenas para ilustrar a semelhança morfológica com a expressão “irse de las manos”. Não foi nosso propósito estudar essa EI.

ignorancia va de la mano con la pobreza y la discriminación va de la mano con la ignorancia” evidencia a associação da ignorância com a pobreza e da discriminação com a ignorância.

Após confirmarmos a frequência considerável de “irse de las manos”, enfatizamos que a inclusão no DiBU é válida, no entanto recomendamos o acréscimo de alguns recursos que facilitem a consulta. A primeira sugestão se refere à inserção de “irse de la mano” junto à “irse de las manos” e a indicação do uso facultativo de objeto indireto. Outra alternativa é a inclusão de “ir de la mano” com a exposição das duas acepções mencionadas anteriormente, ou seja, uma enfatizando a perda de controle e a outra indicando a simultaneidade ou junção de coisas. Para facilitar a compreensão da distinção entre elas, sugerimos a utilização de exemplos representativos.

Conforme mencionamos no primeiro parágrafo, como tradução de “irse de las manos” foram inseridas as UFs “escapar das mãos” e “fugir ao controle”.

Para “escapar das mãos” foram localizadas no *Google* 9.742 ocorrências. Dentre elas, observamos a existência de algumas com sentido literal, outras com sentido figurado e outras ainda com sentido literal e figurado.

Como exemplo de sentido literal, temos o fragmento “Uma das principais qualidades do goleiro é a segurança, que permite segurar a bola com firmeza não deixando-a escapar das mãos”.

Uma das ocorrências que apresentam os dois sentidos é “Alguns vícios e imprudências, que muitas vezes passam despercebidos, são os motivos para o volante escapar das mãos do motorista”. Possui sentido literal, se considerarmos que o descontrole do motorista se deve à incapacidade de manusear o volante. Por outro lado, “escapar das mãos” pode adquirir sentido figurado se representar as tragédias que um motorista imprudente é capaz de provocar.

Quanto às ocorrências com sentido figurado, isto é, que aludem ao descontrole de alguém em uma determinada situação, destacamos os exemplos “A tentação é uma mola que escapa das

mãos do homem incauto” e “Quando raramente a vitória lhe escapa das mãos, Scheidt também sabe relaxar e recomeçar do zero”. A primeira ocorrência está fundamentada na impossibilidade do homem de controlar a tentação, da mesma forma que não é possível controlar uma mola que cai das mãos. A segunda ocorrência, entretanto, sugere que raramente o velejador brasileiro Robert Scheidt é derrotado em uma competição, mas quando isso acontece ele é capaz de retomar suas atividades.

Além de identificarmos a existência de ocorrências com sentido literal e figurado, por meio da pesquisa ao *corpus* e ao *Google*, localizamos outras variantes de “escapar das mãos”: “escapar da mão”, “escapar ao controle” e “escapar do controle”. Para essas variantes localizamos, respectivamente, 7.368, 6.496 e 2.222 ocorrências no *Google*.

“Escapar das mãos” foi a forma que obteve o maior número de ocorrências. “Escapar da mão”, por sua vez, predominou apenas sobre “escapar ao controle” e “escapar do controle”, no entanto a maioria das ocorrências possui sentido literal. Um exemplo é o fragmento “E como é que eu faço para não deixar a pipa escapar da mão?”.

Sendo assim, podemos concluir que, se a maioria dos casos de “escapar da mão” não tem valor metafórico, a forma que melhor expressa a perda de controle de uma situação e se apresenta como mais usual é a variante “escapar das mãos”. Dessa forma, a inclusão no DiBU da EI no plural representa o uso.

Para “fugir ao controle”, foram detectadas 10.873 ocorrências. Também foi localizada a variante “fugir do controle”. Essa apresentou 9.488 casos. Das duas formas, “fugir ao controle” é a que apresenta mais ocorrências no *Google*. Predomina inclusive sobre “escapar da mão”, “escapar ao controle” e “escapar do controle”, com exceção de “escapar das mãos”.

Em resumo, “fugir ao controle” complementa “escapar das mãos”, uma vez que adquire o caráter de explicação da expressão. Como as duas formas são mais usuais, segundo os dados coletados no *Google*, consideramos apropriada a maneira como foram incluídas no DiBU.

5.7 PONER LA MANO EN EL FUEGO

A EI “poner la mano en el fuego” se originou do costume dos antigos povos pagãos da Germânia de realizar o *Juízo de Deus*²⁵, isto é, uma prova de fogo que demonstrava a inocência ou culpa do acusado. Uma das formas mais comuns de verificar se o sujeito estava sendo sincero era colocando um ferro quente em suas mãos ou em outra parte do corpo. Quando desistia da prova ou quando sua mão queimava, era considerado culpado.

Outras referências indicam que na Idade Média era realizada a *prova do ferro caldo*²⁶ ou *prova de fogo*. O acusado que alegasse inocência era submetido a caminhar alguns metros com uma barra de ferro aquecida. Sua mão era envolvida com estopa e selada com cera durante três dias. Se após o terceiro dia estivesse ilesa, estaria provada a inocência. Se estivesse queimada, estaria provada a culpabilidade e, em seguida, era efetivada a punição.

Com o passar do tempo, a EI começou a ser aplicada em sentido figurado como forma de manifestar respaldo por alguém ou algo, dando a entender que uma determinada pessoa está disposta a pôr suas as mãos no fogo pela conduta de outra ou por algo que lhe inspire confiança.

²⁵ Informação disponível no site <<http://www.detodounpocotv.com/dichos/manofuego.htm>> . Acesso em: 15 abr. 2007.

²⁶ Informação disponível no site <<http://www.filologia.org.br/pereira/textos/aorigemdasfrases2.htm>> Acesso em: 15 abr. 2007.

No DiBU, a EI está localizada no verbete “mano” acompanhada da tradução “pôr a mão no fogo”. Não há recomendação de variante morfológica ou lexical. Ao realizarmos as pesquisas ao *Google* e ao *corpus*, no entanto, observamos algumas possíveis variantes.

A primeira variante detectada foi uma variante do morfema de número, isto é, há possibilidade de uso de “mano” no singular e no plural. Os trechos do *corpus* “pongo la mano en el fuego”, “pusimos las manos en el fuego” e “no pondría las manos en el fuego” demonstram essas duas possibilidades.

Após a pesquisa ao *corpus*, acessamos o *Google* para obter informações acerca da frequência e obtivemos 19.890 casos no singular e 2.374 no plural. A referida frequência indica que é uma EI corrente na língua espanhola e confirma a hipótese do uso da expressão no plural, embora seja mais habitual no singular.

Pesquisamos, ademais, possíveis variantes do verbo “poner”. Para tanto, efetivamos a pesquisa da expressão com os verbos “colocar” e “meter”. Detectamos 1 ocorrência de “colocar la mano en el fuego”, 2 de “colocar las manos en el fuego”, 951 de “meter la mano en el fuego” e 1.004 de “meter las manos en el fuego”.

Observamos que o verbo “colocar”, apesar de ser sinônimo de “poner” em alguns contextos, não se aplica a essa EI. A única ocorrência de “colocar la mano en el fuego” corresponde ao seguinte comentário feito pela apresentadora brasileira Xuxa: “es muy difícil colocar la mano en el fuego por alguien”. Tratando-se de uma falante brasileira, interpretamos sua mensagem como uma interferência de sua língua materna.

“Colocar las manos en el fuego”, a seu turno, recebeu somente as ocorrências “mantengo una estrecha amistad con Alexis Gainza, persona por la que soy capaz de colocar las manos en el fuego” e “a veces se coloca las manos en el fuego por alguien que no vale la pena”.

“Meter la mano en el fuego” e “meter las manos en el fuego” obtiveram, aproximadamente, 1.000 ocorrências cada, o que confirma a existência dessas variantes. Algumas possuem sentido literal, como o fragmento “con toda calma, metió las manos en el fuego y tomó un puñado de cenizas.”, entretanto a maioria é usada metaforicamente. Um exemplo típico é “En este país uno no puede meter la mano en el fuego por nadie”.

Constatamos ainda a possibilidade de inserção de pronomes possessivos na EI. No trecho “en lo que nadie me apoya estás tu dando la cara por mi, poniendo tu mano en el fuego... confiando en mi”, por exemplo, foi adicionado o pronome “tu”. É importante ressaltar que esse tipo de inclusão não compromete o sentido da expressão.

Posteriormente, localizamos ocorrências do *Google* com inserção de outras palavras, tais como os advérbios “igualmente” e “totalmente”, presentes nos fragmentos “pusieron igualmente la mano en el fuego por ellos” e “Aunque no ponen totalmente la mano en el fuego, por si se queman.”. Mencionamos essa alternativa como forma de enriquecer a análise, todavia consideramos inviável a inclusão dessas particularidades no dicionário.

Podemos depreender, dos resultados indicados acima, que “poner” é o verbo mais usado na EI em questão. “Meter”, a seu turno, é usado com menos frequência que “poner”. “Colocar”, por sua vez, não é utilizado nesse tipo de expressão. Quanto ao uso de “mano” e “manos”, a forma no singular é mais habitual.

Em síntese, a EI “poner la mano en el fuego” foi inserida no DiBU da maneira mais usual, ou seja, foram contempladas as variações “poner” e “mano”, as quais prevaleceram nessa pesquisa. Sugerimos, todavia, o acréscimo do verbo “meter” e do substantivo “manos”, pelo fato de constituírem outras possibilidades de variação.

No tocante à tradução, conforme aludimos anteriormente, à “poner la mano en el fuego” foi atribuído o fraseologismo “pôr a mão no fogo”. Ao pesquisarmos sua frequência utilizamos as

variantes do morfema de número “mão” e “mãos”. A frequência de “pôr a mão no fogo” foi de 2.390 ocorrências e de “pôr as mãos no fogo”, 406.

Além disso, investigamos as ocorrências com os verbos “botar”, “colocar” e “meter”. Para “botar a mão no fogo” e “botar as mãos no fogo” foram encontradas 213 e 3 ocorrências, respectivamente. Para “colocar a mão no fogo” e “colocar as mãos no fogo”, 280 e 37 ocorrências e para “meter a mão no fogo” e “meter as mãos no fogo”, 674 e 200.

Assim como na pesquisa da EI em espanhol, em português detectamos a predominância de expressões com a variante “mão”, ou seja, prevaleceram “pôr a mão no fogo” e “meter a mão no fogo”.

Após a investigação do número de ocorrências, analisamos o contexto de algumas páginas do *Google*, a fim de identificar se “poner la(s) mano(s) en el fuego” e “pôr a(s) mão(s) no fogo” são utilizadas em contextos semelhantes. Identificamos que, tanto em espanhol quanto em português, os contextos de uso são idênticos. Enfatizamos que são comuns os casos que tratam da índole do governo, de determinados órgãos do governo ou de políticos, como nos exemplos “el ex presidente no pone por ellos la mano en el fuego” e “Repete o senador Pedro Simon que não põe a mão no fogo por Renan Calheiros nem por ninguém mais.”. Além disso, detectamos que essas EIs são frequentemente usadas em blogs e fóruns de discussão, embora sejam encontradas também em outros sites.

Paralelamente, partindo da premissa de que há uma categoria de variantes denominada “variantes de níveis de língua”, pesquisamos as EIs com os verbos em espanhol “poner” e “meter”, bem como com os verbos em português “pôr”, “botar”, “colocar” e “meter”, com o intuito de identificar se há diferença de registro dessas variantes.

As ocorrências analisadas em espanhol não indicam uma diferença evidente de registro no uso dos verbos “poner” e “meter”. Localizamos as referidas variantes em diversos sites, desde

blogs a periódicos e artigos científicos. Para exemplificar, escolhemos os fragmentos “Sería capaz de poner la mano en el fuego diciendo que no hay dos personas iguales sobre la Tierra” e “Por qué somos capaces de poner la mano en el fuego por algo, o por una postura determinada, basándonos simplemente en el hecho de que <lo han dicho en la tele>”. O primeiro exemplo foi retirado do blog e o segundo, de um artigo sobre a responsabilidade educativa dos meios de comunicação.

As ocorrências em português indicam que as variantes “botar”, “meter”, “colocar” e “pôr” são utilizadas em diversos contextos. Apesar de encontrarmos casos em que os verbos “meter” e “botar” adquirem um tom mais coloquial, como no exemplo “estas apostas das categorias de base é complicado o cara meter a mão no fogo por eles”, ou até mesmo burlesco, como no fragmento “Corno Churrasco: Aquele que *bota* a mão no fogo pela mulher”, também encontramos ocorrências de “colocar” e “pôr” com tom coloquial.

Por outro lado, observamos que os jornalistas utilizam com mais frequência as variantes “pôr a mão no fogo” e “colocar a mão no fogo”. Para exemplificar, selecionamos uma entrevista encontrada no site *O Globoonline* que evidencia o uso das variantes verbais “botar” e “pôr”. A entrevista tem como tema a renúncia do senador Renan Calheiros à presidência do Senado. Nessa entrevista, o repórter utilizou a variante “pôr a mão no fogo” e o entrevistado, senador Pedro Simon, “botar a mão no fogo”. O repórter fez a pergunta: “O sr põe a mão no fogo por Renan, confia nele ou já começa a desconfiar?”. Simon, por sua vez, respondeu: “Se Judas traiu Jesus, não se pode botar a mão no fogo por ninguém. Eu tenho Renan como um cara respeitável. Mas que ele agiu equivocadamente nesse caso, eu não tenho nenhuma dúvida”.

Os fragmentos disponíveis no quadro a seguir, retirados de sites jornalísticos, evidenciam ainda mais a preferência dos jornalistas pelas variantes “colocar a mão no fogo” e “pôr a mão no

fogo” e ao mesmo tempo explicitam o uso coloquial de “botar a mão no fogo” e de “meter a mão no fogo”.

1. Botar a mão no fogo “Bem, botar a mão no fogo não digo, mas eu confio nele!” Pedro Simon, senador pelo do PMDB-RS
2. Colocar a mão no fogo Heloísa ponderou que aprendeu na política a não colocar "a mão no fogo" por todo mundo.
3. Meter a mão no fogo O Lula taí pra meter a mão no fogo pelo cara. Será que ele têm luvas de amianto?
4. Pôr a mão no fogo A entrevista de Roberto Jefferson não apenas evidencia o erro de Lula ao pôr a mão no fogo por ele, como representa a própria confissão do crime.

Quadro 5 - Exemplos do Google - botar / colocar / meter / pôr a mão no fogo.

No primeiro fragmento Pedro Simon mencionou a EI “botar a mão no fogo” de maneira bastante informal. No segundo exemplo um determinado jornalista relata, de maneira formal, o que disse Heloísa. Para tanto, usou a variante “colocar a mão no fogo”. No terceiro trecho está evidente que alguém, em discurso direto e tom extremamente coloquial, ironiza a atitude de Lula de confiar em uma terceira pessoa. No quarto, em tom formal, um jornalista utiliza a variante “pôr a mão no fogo”.

Em suma, apesar da variedade de verbos que acompanham a EI e dos possíveis níveis de registro, comprovamos que no DiBU foi inserida a forma mais usual, tanto em espanhol quanto em português. Uma alternativa para enriquecer os dados fornecidos pelo dicionário seria o acréscimo das variantes localizadas no *Google*. O uso de parênteses para indicar a possibilidade de singular e plural, por exemplo, é um recurso possível, pois não excede os limites de espaço do verbete.

5.8 UNTAR LA MANO

Inserida no verbete “mano”, a EI “untar la mano” significa subornar alguém para conseguir algum benefício. No DRAE e no DUE esse idiomatismo foi arrolado da seguinte forma:

DRAE	
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	ACEPÇÃO
• Untar la mano o las manos a uno	Sobornarlo.

Quadro 6 - DRAE – Untar la mano.

DUE	
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	ACEPÇÃO
• Untar la mano a alguien	Sobornarlo.

Quadro 7 – DUE - Untar la mano a alguien.

Quanto à frequência, no *Google* foram encontradas 3.023 ocorrências de “untar la mano”. São ocorrências geralmente referentes a suborno envolvendo juízes, advogados, políticos e funcionários públicos. O fragmento “se contrata un abogado sin escrúpulos y se unta la mano de un juez” exemplifica esse contexto. Além disso, há casos em que a propina é oferecida a trabalhadores de outros segmentos da sociedade, tais como garçons e árbitros de futebol. No caso dos garçons o benefício é oferecido como gorjeta.

Junto às ocorrências com sentido metafórico, foram localizadas outras com sentido literal, principalmente em páginas de gastronomia. Como exemplo destacamos o fragmento do *Google* “untar la mano con aceite de oliva y se van haciendo pelotitas”.

Ao pesquisarmos a possibilidade de variação da EI, verificamos a inserção no DRAE das opções “untar la mano” e “untar las manos”. Posteriormente, realizamos uma busca no *Google* para identificar a frequência da EI no plural e localizamos 1.738 casos de “untar las manos”. Embora seja um número considerável de ocorrências, a maioria possui sentido literal, como podemos observar no fragmento “untar las manos en harina e aceite de oliva”. Sendo assim, podemos afirmar que esse tipo de variante existe, no entanto, é menos usual.

Foi detectada também a variante sinonímica “dar una mordida”. Segundo pesquisas, é usada apenas no México. O trecho retirado do *Google* “otros automovilistas optan por dar una ‘mordida’ (gratificación corrupta) para el servidor público que les ‘perdona’ ” exemplifica perfeitamente o contexto de uso desse fraseologismo. Isso se deve ao fato de terem sido utilizadas aspas para alertar o leitor do sentido conotativo implícito em “mordida” e uma explicação entre parêntesis do significado da expressão.

Quanto à tradução, no DiBU foi inserida como equivalente a EI “molhar a mão” e as explicações “dar propina” e “subornar”. É oportuno enfatizar que “molhar a mão” também foi encontrada no verbete “untar”.

No *Google* foram localizados somente 996 casos de “molhar a mão”. Na pesquisa à EI no plural, por sua vez, foi detectado um número superior de ocorrências, ou seja, 2.375 casos.

Tanto na pesquisa à EI no singular quanto no plural, há casos com sentido literal e outros com sentido figurado, o que dificulta a precisão dos dados. O que podemos assegurar é que, apesar de haver maior incidência de “molhar as mãos”, os casos com sentido figurado se manifestam em maior número no singular.

Contrastando as ocorrências de “untar la(s) mano(s)” e “molhar a(s) mão(s)”, percebemos que os dois fraseologismos possuem sentidos idênticos, porém o número de ocorrências é superior em espanhol. A frequência superior se deve à predominância de páginas do

Google em língua espanhola. Ainda que haja essa distinção entre eles, a pesquisa realizada nos leva a concluir que são equivalentes.

Após confirmarmos a hipótese de equivalência entre as EIs “untar la mano” e “molhar a mão”, afirmamos que a tradução apresentada é apropriada. Ademais, consideramos adequada a inclusão desses fraseologismos no DiBU, ainda que o *Google* tenha apontado um número de ocorrências inferior a outros fraseologismos estudados²⁷. Além disso, sugerimos a inclusão da EI “dar una mordida” acrescida de uma informação diatópica.

5.9 BUSCARLE TRES / CINCO PIES AL GATO

Inserida no verbete “pie” do DiBU, a EI “buscarle tres/cinco pies al gato” denota dedicação a algo que pode trazer consequências desagradáveis ou busca por respostas complexas diante de suspeitas sem fundamento. Essas duas acepções podem ser encontradas no DRAE da seguinte forma:

DRAE	
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	ACEPÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Buscarle tres o cinco pies al gato 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Empeñarse temerariamente en cosas que pueden acarrearle daño. 2. Buscar soluciones o razones faltas de fundamento o que no tienen sentido.

Quadro 8 – DRAE – Buscarle tres o cinco pies al gato.

²⁷ Na pesquisa às expressões “a pedir de boca” e “perder la cabeza”, por exemplo, foram detectadas 83.900 e 206.662 ocorrências, respectivamente.

No DUE foram arroladas definições quase idênticas:

DUE	
EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	ACEPÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Buscarle tres pies al gato o empeñarse en buscarle tres pies al gato. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Empeñarse innecesariamente en algo de que puede resultar daño. (V. Arriesgar) 2. Buscarle complicaciones a un asunto que por sí no las tiene.

Quadro 9 – DUE – Buscarle tres pies al gato.

No DiBU foram introduzidas duas possibilidades de variação do fraseologismo, isto é, podem ser utilizados os numerais “tres” ou “cinco”. A possibilidade de alteração do numeral também foi exposta no DRAE. No DUE, porém, foi inserida apenas a possibilidade de uso da EI “buscarle tres pies al gato” com a inclusão opcional de verbo “empeñarse”.

Há uma polêmica em torno da variação do numeral. Para alguns falantes²⁸ da língua espanhola, a alteração não afeta o sentido da EI, ou seja, as duas variantes indicam uma tendência de problematizar algo simples. Entretanto, há os que fazem distinção acerca da aplicação de “tres” ou “cinco”. Os que empregam a primeira forma sustentam que essa se refere à facilidade de criticar, uma vez que encontrar “tres” das “quatro” patas dos felinos é uma tarefa fácil. Os adeptos da segunda forma argumentam que atribuir uma “quinta pata” indica a dificuldade de querer aceitar a realidade tal como ela se apresenta ou uma tendência de enxergar coisas que não existem.

²⁸ Essa informação foi obtida por meio de um fórum de discussão acerca do significado e variação da expressão, cujos autores não são identificados. Discussões semelhantes podem ser verificadas em sites semelhantes. Como esse é um site argentino, supomos que os participantes são falantes desse país. A discussão foi acessada em 30/04/2007 e encontra-se disponível em: < <http://www.portalplanetasedna.com.ar/porquesedice.htm> >

Outro argumento que sustenta a variação é o de que “buscarle tres pies al gato” é uma derivação da EI original “buscarle cinco pies al gato”, cuja procedência data do antigo costume de segurar os gatos pelo rabo, parte do corpo que nesse contexto é considerada a “quinta pata”.

Segundo a tabela 1 do apêndice E, na pesquisa ao *Google* predominou o uso de “buscarle tres pies al gato”. Foram detectadas 17.274 ocorrências dessa variante e somente 655 de “buscarle cinco pies al gato”.

Foram encontradas outras formas de variação da EI com numeral “tres”. São elas: “buscarle los tres pies al gato”, “buscarle tres patas al gato” e “buscarle las tres patas al gato”. Na primeira variante há a inclusão do artigo “los”, na segunda ocorre a mudança de “pies” para “patas” e na terceira, a substituição de “pies” por “patas” com a inclusão do artigo “las”. Das três formas de variação expostas, a mais usual é “buscarle los tres pies al gato”.

Quanto às variantes da EI com a presença do numeral “cinco”, localizamos: “buscarle los cinco pies al gato”, “buscarle cinco patas al gato” e “buscarle las cinco patas al gato”. Além disso, foram encontradas 1.432 ocorrências de “buscarle la quinta pata al gato”, forma que predominou sobre as demais.

Visto que foram localizadas ocorrências de “buscarle la quinta pata al gato”, investigamos também o uso de “la tercera pata al gato”. No *Google* foram encontrados apenas 4 casos: “buscando la tercera pata al gato”, “no le busquen la tercera pata al gato”, “se le buscará la tercera pata al gato” e “quiere colocarte la tercera pata al gato”.

Sintetizando os dados obtidos, destacamos “buscarle tres pies al gato” como a forma mais usual da EI e “buscarle los tres pies al gato” como a segunda. Na terceira posição ficou “buscarle la quinta pata al gato” e na quarta, “buscarle cinco pies al gato”. As demais variaram de 170 a 461 ocorrências.

Após a análise das ocorrências da EI em questão e de suas variantes, concluímos que “buscarle tres pies al gato” é corrente na língua espanhola, portanto sua inclusão no DiBU se justifica. Por outro lado, ao contrastarmos as ocorrências da segunda forma de variação inserida no dicionário, “buscarle cinco pies al gato” (655 ocorrências), com “buscarle la quinta pata al gato” (1.432 ocorrências), constatamos a superioridade da última. Sendo assim, seria conveniente incluí-la no dicionário.

Como tradução de “buscarle tres/cinco pies al gato” foram introduzidas as EIs “procurar pêlo em ovo” e “procurar chifre em cabeça de cavalo”. O *Google* apresentou 787 ocorrências para a primeira opção e 783 para a segunda.

A pesquisa ao *corpus* em português indicou a possibilidade de variação do verbo “procurar” da EI “procurar pêlo em ovo” por “buscar”, “caçar”, “descobrir” e “inventar”. No *Google*, além dessas variantes, foram encontradas ocorrências de “achar”, “arrumar”, “buscar”, “catar” “encontrar”, “ver”, “enxergar”, entre outras. Embora as variantes sejam numerosas, a que apresentou maior frequência foi “achar pêlo em ovo”. Para essa variante foram localizadas 563 ocorrências, enquanto para “buscar pêlo em ovo” foram detectadas 26 ocorrências, para “encontrar pêlo em ovo”, 61 e para “ver pêlo em ovo”, 91.

No *corpus* e no *Google* também foi constatada a variação de “pêlo em ovo” por “cabelo em ovo”.

Em síntese, a EI pode ser utilizada de várias maneiras sem que haja modificação do significado. No *Google* as formas mais usuais foram “procurar pêlo em ovo”, com 787 ocorrências, e “procurar chifre em cabeça de cavalo”, com 783. A terceira em número de ocorrências foi “achar pêlo em ovo”, com 563 e a quarta, “procurar cabelo em ovo”, com 372. “Ver chifre em cabeça de cavalo”, por sua vez, apresentou 229 casos. As demais variantes mencionadas atingiram de 2 a 183 ocorrências.

Com base nos dados acima, concluímos que as duas EIs inseridas no DiBU como tradução de “buscar tres/cinco pies al gato”, “procurar pêlo em ovo” e “procurar chifre em cabeça de cavalo”, ocupam, respectivamente, a primeira e a segunda posição em número de ocorrências, portanto foram consideradas representativas.

5.10 NO TENER NI PIES NI CABEZA

A EI “no tener ni pies ni cabeza” significa algo absurdo, sem fundamento. Foi inserida no verbete “pie” do DiBU. A pesquisa ao *Google* indica a possibilidade de variação dessa UF, isto é, pode ser encontrada com o vocábulo “pie” no singular ou no plural. Além disso, a negação “no tener” pode ser substituída por “sin” e ainda pode haver exclusão do “ni” que antecede “pie(s)”.

Para a variante “no tener ni pies ni cabeza” foram encontradas 69.982 ocorrências e para “no tener ni pie ni cabeza”, 1.280. Para “no tener pies ni cabeza” e “no tener pie ni cabeza” foram localizados, respectivamente, 30.664 e 261 casos. Já as ocorrências de “sin pies ni cabeza” e “sin pie ni cabeza”, totalizaram 62.100 e 2.780 casos.

Segundo os dados acima, predominaram as ocorrências da variante inserida no DiBU, logo essa EI pode ser considerada representativa. Em segunda posição ficou “sin pies ni cabeza”.

Uma vez que o número de ocorrências de “sin pies ni cabeza” se aproxima de “no tener ni pies ni cabeza”, seria conveniente acrescentá-la no dicionário como segunda opção. Além disso, sugerimos a inclusão da indicação de uso da EI com o vocábulo “pie” no singular por haver casos com sentido metafórico também no singular. Sugerimos, ainda, a indicação do uso facultativo de “ni”. Enfatizamos que as alterações sugeridas não excedem o espaço do verbete, uma vez que o uso de “pie” e “pies” e o emprego facultativo de “ni” podem ser apontados por meio de parênteses e/ou colchetes ou ainda por meio de uma breve explicação sobre o uso.

No que concerne à tradução, no DiBU foi inserida a EI “não ter pé nem cabeça”. Para essa expressão foram localizadas no *Google* 4.397 ocorrências. Quando pesquisada a variante “não ter pés nem cabeça” foi detectado um número inferior de ocorrências, isto é, 3.709 casos.

Apesar da constatação do uso da EI do modo como foi apresentada no DiBU (não ter pé nem cabeça) e com o vocábulo “pé” no plural (não ter pés nem cabeça), prevaleceu no *Google* o uso de “sem pé nem cabeça” (140.000 casos) e de “sem pés nem cabeça” (8.150 casos).

Sendo assim, sugestão semelhante à apresentação da EI em espanhol pode ser feita para a tradução ao português, ou seja, propomos a inclusão da variante “sem pé nem cabeça” junto a “não ter pé nem cabeça” por ser a mais usual.

Concluimos o estudo dessa EI afirmando que os consulentes brasileiros que utilizam o volume “espanhol-português” são capazes de reconhecer facilmente a EI “no tener pies ni cabeza” como equivalente de “sem pé nem cabeça” ou “não ter pé nem cabeça”, portanto as informações sobre as variantes mais usuais podem tornar-se desnecessárias. Entretanto, a inclusão dessas informações passa a ter suma importância quando a finalidade da pesquisa é a aquisição de informações que os ajudem a produzir em língua espanhola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo que impulsionou essa dissertação foi a investigação da representatividade de dez EIs com partes do corpo inseridas no DiBU e dos equivalentes em português. Paralelamente, como forma de demonstrar que as EIs não são tão fixas quanto parecem e para contribuir ao aperfeiçoamento de futuras edições do dicionário, ambicionamos pesquisar possíveis variantes dessas EIs que não foram inseridas.

Visto que ao longo do estudo de cada EI foi efetuada uma breve conclusão, consideramos pertinente oferecer uma visão geral do conjunto do trabalho realizado, integrando nossas reflexões e impressões sobre o referencial teórico e dados coletados no *Google* e, finalmente, expondo o que acreditamos contribuir para investigações posteriores.

No capítulo que trata da fundamentação teórica discorremos sobre questões concernentes ao campo da lexicografia, tais como a estrutura, tipologia e direcionalidade dos dicionários. Posteriormente, apresentamos a fraseologia como área que se ocupa do estudo das unidades fraseológicas. Essas se caracterizam pela pluriverbalidade ou lexicalidade, fixidez ou estabilidade e idiomaticidade ou figuratividade, como é o caso das EIs. Por fim, tratamos da problemática acerca do reconhecimento e tradução de idiomatismos.

A fundamentação teórica mencionada nos permitiu adotar um posicionamento em relação à inclusão das UFs nos dicionários de uso. Se a característica primordial de um dicionário

de uso é a descrição da língua em uso, a escolha das UFs não deve ser arbitrária. Menos arbitrária deve ser a seleção para inclusão nos dicionários de uso geral, considerando que o espaço no verbete para os fraseologismos é obviamente mais reduzido nesses dicionários que nos de especialidade. Em outras palavras, é imprescindível que se estabeleçam critérios de inclusão das UFs e que os mesmos sejam esclarecidos na introdução. Ademais, consideramos necessário que o lexicógrafo se aproprie de informações baseadas em *corpus* e interprete os dados com base em teorias e em sua experiência como falante e/ou pesquisador.

No capítulo referente à análise de dados coletamos a frequência das EIs da maneira como foram inseridas em espanhol no DiBU e também a frequência das EIs apresentadas como tradução. Além disso, fizemos um levantamento e apreciação de algumas variantes encontradas no *Google* e no *corpus*, porém não contempladas no DiBU.

Na metodologia justificamos a escolha das EIs, descrevemos as ferramentas utilizadas e os critérios formulados para a análise da representatividade. São eles:

- 1) EIs representativas - quando a variante inserida no DiBU foi a mais usual;
- 2) EIs parcialmente representativas - quando detectado um número menor de ocorrências na forma como foi inserida no DiBU e maior quando pesquisada com outras variantes;
- 3) EIs com representatividade nula - quando não foram localizadas ocorrências no *Google* nem no *corpus* para a EI.

Visto que não é possível precisar a extensão do *Google*, nem o número mínimo de ocorrências que deva ter uma EI para ser considerada representativa, na elaboração dos critérios partimos da hipótese de que se uma única palavra pode ser considerada altamente representativa quando aparece 10.000 vezes no *Google*, para um idiomatismo constituído de três palavras, seja em espanhol ou português, podemos considerar 10 ocorrências como um número significativo.

De qualquer modo, das dez EIs inseridas em espanhol, apenas uma obteve ocorrências inferiores a 10. Trata-se da EI “ir en boca de todos”. Essa, por sua vez, foi inserida como variante de “andar / ir de boca en boca” e de “andar en boca de todos”, ambas com frequência superior a 2.000 ocorrências.

As demais EIs em espanhol inseridas no dicionário e suas variantes obtiveram uma média de 2.625 a 206.662 ocorrências. Tais dados indicam que nenhuma das EIs possui representatividade nula.

Se por um lado não há EIs sem representatividade, por outro apenas uma pode ser considerada totalmente representativa, segundo os critérios adotados nessa pesquisa. Trata-se da EI “a pedir de boca”. Concluímos, portanto, que 10% das EIs em espanhol selecionadas nesse estudo são representativas e 90%, parcialmente representativas.

Por outro lado, observamos a ausência de critérios para a inclusão de algumas informações. O estudo da EI “andar / ir de boca en boca”, especificamente, nos permitiu detectar a falta de critério quanto à inclusão do exemplo, uma vez que em “el escándalo del alcalde corre de boca en boca”, os verbos “andar” e “ir”, propostos no DiBU como variantes, não foram inseridos. Logicamente, não podemos afirmar que os exemplos do DiBU não são tratados criteriosamente somente com o estudo de um idiomatismo. Nossa finalidade é apenas apontar que a seleção dos exemplos deve ser criteriosa e, nesse caso, não foi.

Também observamos a ausência de critérios para a inclusão das EIs nos verbetes. Enquanto em oito das EIs pesquisadas o critério de inclusão no verbete foi a parte do corpo, em duas delas esse critério não foi detectado. A EI “hacerse la boca agua” foi incluída nos verbetes “boca” e “agua”. Já a EI “untar la mano” aparece nos verbetes “mano” e “untar”. No verbete “mano” foi inserida a EI “untar la mano” seguida da tradução “molhar a mão” e das paráfrases explicativas “dar propina” e “subornar”. Em “untar”, contudo, aparece diretamente a tradução

“molhar a mão” sem a inclusão da EI equivalente “untar la mano”, dando a impressão de que foi esquecida.

No que diz respeito à tradução, nosso objetivo primordial foi analisar a frequência das EIs inseridas como equivalentes de tradução para definir se são usuais em português. Ademais, analisamos como foi realizada a tradução, se por meio de EIs equivalentes e/ou por paráfrases explicativas.

Quanto à forma como foi apresentada a tradução, observamos que apenas duas das dez EIs apresentaram equivalentes e paráfrases explicativas, nas demais foram introduzidas apenas EIs equivalentes. Talvez isso se deva ao fato de as EIs selecionadas possuírem forma idêntica em espanhol e português, como é o caso de “perder la cabeza”.

Supomos que os consulentes geralmente consultam os dicionários na direção língua estrangeira-língua materna com a finalidade de compreender e traduzir com mais frequência que para produzir. Dessa maneira, afirmamos que, apesar da ausência de explicações em oito das dez EIs, as informações inseridas atendem à necessidade de compreensão.

Em contrapartida, em termos de produção, os usuários do DiBU teriam suas necessidades mais bem atendidas, tanto na direção espanhol-português quanto na direção português-espanhol, se fossem inseridas as variantes mais usuais das EIs.

No tocante à frequência das EIs em português, foram detectadas de 171 a 215.000 ocorrências. Mesmo a EI menos frequente apresenta uma quantidade relevante que justifica sua inclusão.

Apesar do número expressivo de ocorrências das EIs em português, para duas das dez EIs em espanhol foram detectadas traduções parcialmente representativas. Por outro lado, para oito das dez EIs em espanhol foram obtidos resultados representativos na tradução. A maioria das EIs

em português, portanto, pode ser considerada representativa e não houve casos com representatividade nula.

Em síntese, contrastando o percentual de representatividade das EIs, detectamos que 10% das pesquisadas em língua espanhola foram consideradas representativas e 90%, parcialmente representativas. As EIs inseridas como tradução, por sua vez, obtiveram 80% de representatividade integral e 20% de representatividade parcial.

É pertinente acrescentar que na pesquisa da frequência das EIs no *Google*, tanto em espanhol quanto em português, predominaram as ocorrências com verbo no presente do indicativo. Além disso, observamos que as EIs, quando pesquisadas com verbo no infinitivo, na maioria das vezes se referiam a verbetes de dicionários ou páginas voltadas ao ensino de línguas.

Isso demonstra que a maneira como a pesquisa aos verbos que compõem as EIs é realizada pode trazer informações diversas acerca do contexto de uso e frequência delas. Nessa pesquisa, realizada com verbos em terceira pessoa nos modos infinitivo e indicativo (presente, pretérito perfeito e imperfeito), 10% das EIs em espanhol e 80% das EIs incluídas como tradução foram consideradas representativas. Assim, a principal conclusão à que apontam os dados obtidos é que, apesar de o DiBU ser rico em informações fraseológicas, o tratamento das EIs carece de aprimoramento.

Para finalizar, lembramos que os resultados obtidos se limitaram à pesquisa de dez EIs com partes do corpo pesquisadas com auxílio do buscador *Google* e de um *corpus* de textos jornalísticos. Trabalhos futuros com base em *corpus* escritos e orais envolvendo maior número de EIs com partes do corpo, ou ainda com outros campos semânticos e distintos critérios de avaliação da representatividade, podem contribuir ao aperfeiçoamento do DiBU enquanto dicionário de uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-KASIMI, A. M. The interlingual/translation dictionary. *Dictionaries for translation. Lexicography: Principles and Practice*, London: Academic Press, 1983. p- 153-162.

AMARAL, V. L. Acertos e desacertos em dicionários bilíngües português –espanhol / espanhol-português. *Alfa*, São Paulo, v. 33, 1989. p 115-128.

_____. **Análise crítica de dicionários escolares bilíngües Espanhol - Português: Uma reflexão teórica e prática**. 1995. 262f. Tese de Doutorado. Curso de Pós-graduação em Letras, UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1995.

ATKINS, B. T. Monolingual and Bilingual Learner's Dictionaries: A comparison. ILSON, R. (ed) **Dictionaries, Lexicography and Language Learning**, Oxford: The British Concil & Pergamon Press, 1990. p. 15-24.

BAKER, M. Idioms and fixed expressions. **In other words, a coursebook on translation**, London: Routledge, 1992. p. 63-79.

BARÁNOV, A. N.; DOBROVOL'SKI, D. Idiomaticidad e idiomatismos. Luque Durán e Pamies Bertrán (Eds), **Léxico y fraseología**, Granada: Método, 1998. p. 19-42.

BEJOINT, H. The foreign student's use of monolingual English dictionaries: a study of language needs and reference skills. **Applied Linguistics**, vol. II/3, 1981. p. 207-222.

BERDET, E. F. Lengua, sociedad y diccionario: la ideología. FORGAS, Esther (Coord), **Léxico y diccionarios**, Tarragona: Dep. de Filología Románica, 1996, 71-89.

BIDERMAN, M. T. Camargo. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. OLIVEIRA, A. M. P. P. de Oliveira; ISQUERDO, A. N. (Org.) **As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, 2. ed., Campo Grande: UFMS, 2001. p. 131-144.

BORBA, F.S. Roteiro para a montagem de um dicionário de usos do português contemporâneo do Brasil (DUP). ZAMBONIM, D. J. (Org.) **Estudos sobre lexicografia**, Araraquara: UNESP, ano VII, n. 1, 1993. p. 7-32.

CARNEADO, M. Z. Notas sobre las variantes fraseológicas. **Anuario de Lengua y Literatura de la Academia de Ciencias de Cuba**, Cuba, n.16, 1985. p. 269-277.

CARTER, R. Lexis and Lexicography. **Vocabulary. Applied linguistic perspectives**, London / New York: Routledge, 1 ed., 2 reimp. 1992. p. 125-144.

CASARES, J. **Introducción a la lexicografía moderna**. Reimp, Madrid: CSIC, 1969.

ERMÁK, F. La identificación de las expresiones idiomáticas. DURÁN, L.; BERTRÁN, P. (Eds.) **Léxico y fraseología**, Granada: Método, 1998. p.1-18.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

COWIE, A. P. The treatment of Collocations and idioms in Learner's Dictionaries. **Applied Linguistic**, Autumn, v.II, n.3, 1981. p. 223-235.

DAMIM, C; MIRANDA, F.B. Elementos para uma escolha fundamentada de dicionários bilíngües português / inglês. **Revista Entrelinhas**, São Leopoldo: Unisinos. Ano II, nº 3, set/dez, 2005. Disponível em: <<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=3&s=9&a=18>>. Acesso em: 17 jan 2006.

FALCÃO, P. C. S. ; XATARA, C. M. Os animais nos idiomatismos: interface inglês-português. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis:UFSC, v. 2, 2005. p. 71-82. Disponível em: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/cadernos16/paula_claudia.pdf>. Acesso em: 10 jan 2007.

FERNÁNDEZ, G. E. ; FLÁVIAN, E. Elaboración y uso de diccionarios bilingües Un ejemplo: el Minidiccionario Español / Portugués de Editora Ática. **Revista de la APEESP**, São Paulo, Ano IV, n. 6, 1995. p. 85-95.

FERRARO, M. R. G. Análisis contrastivo español / portugués de unidades fraseológicas. **Hispanista**, v.7, n. 26 , 2006. Disponível em: <<http://www.hispanista.com.br/revista/artigo212.htm>>. Acesso em: 23 jan. 08.

GIMENEZ, S.L. **Um estudo comparativo entre dicionários bilíngües espanhol-português**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertações_defendidas.php Acesso em: 10 jul. 2007.

GRAUBERG, W. Proverbs and Idioms: mirror of national experience?. JAMES, G. (Ed.), **Lexicographers and their works**, Exeter Linguistics Studies, v.14, 1989. p. 94-99.

GURILLO, L. R. Relevancia y fraseología: la desautomatización en la conversación coloquial. **Español actual**, Madrid: Arco / Libros, n. 68, 1997. p. 21-30.

HARTMANN, R.R.K. On theory and practice. Theory and practice in dictionary-making. **Lexicography: Principles and practice**, London: Academic Press, 1983. p. 3-11.

_____. **Teaching and Researching Lexicography**. Essex: Longman, 2001.

HÖFLING, et al. O dicionário como material didático na aula de língua estrangeira.

Intercâmbio, São Paulo: LAEL-PUC/SP, v. 13, 2004. CD-ROM.

Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/lael/intercambio/volumes_antteriores.html> (clique em 2003, artigo 13). Acesso em: 09 nov. 04.

JORGE, G. Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural. **Polifonia**, Lisboa, Ed. Colibri, n. 4, 2001. p. 215-222.

Disponível em: < http://www.fl.ul.pt/unil/pol4/mesa_txt5.pdf >. Acesso em: 20 jul. 05.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University Press, 1980.

MONTORO DEL ARCO, E. T. **Aproximación a la historia del pensamiento fraseológico español: las locuciones con valor gramatical y su norma culta**. Tese de Doutorado. Depto. de Língua espanhola, Universidad de Granada, 2005. Disponível em: <<http://hera.ugr.es/tesisugr/15476893.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2008.

NAVARRO, C. Fraseología contrastiva del Español y el Italiano (Análisis de un corpus bilingüe). **Tonos digital**, Revista eletrônica de estudos filológicos, v.13,

Julio de 2007. Disponível em:

<http://www.um.es/tonosdigital/znum13/secciones/estudios_U_fraseologia.htm>. Acesso em: 18 jan. 2008.

PASCUAL, J.A. La coherencia en los diccionarios de uso. FORGAS, Esther (Coord.) **Léxico y diccionarios**, Tarragona: Universitat Rovira i Virgili, 1996. p. 167-198.

RAKOTOJOELIMARIA, A. **Esbozo de un diccionario de locuciones verbales español-malgache**. Tese de doutorado. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Alcalá, 2004.

Disponível em: <<http://www.mec.es/redele/biblioteca2005/rakotojoelimaria.shtml>>. Acesso em: 06 jan. 2006.

RIVA, H., C.; RIOS, T., H. C. Correspondência idiomática intra e interlínguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.2, nº2 - Edição Temática: Tradução, 2002. Disponível em: < www.letras.ufmg.br/rbla/2002_2/artigo7.pdf >. Acesso em: 05 mar. 2008.

RONCOLATTO, E. A formação de imagens mentais e metáforas em uma análise das expressões idiomáticas do português e do espanhol. **Hispanista**, n. 16, 2001. Disponível em:

<<http://www.hispanista.com.br/revista/artigo136esp.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2006.

RUIZ GURILLO, L. **Aspectos de fraseología española**. Valencia: Universidad de Valencia, 1997.

.La fraseología del español coloquial. Barcelona. Ariel, 1998.

SADIKOV, A. **Clasificación morfosintáctica del léxico para un diccionario de uso de la lengua.** Universidad Pedagógica Estatal de Moscú. [199-] Disponível em: <<http://64.233.169.104/search?q=cache:zpZe8uiGAKcJ:hispanismo.cervantes.es/documentos/sadikov.pdf+%22Aleksandr+Sadikov%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=6&gl=br>> Acesso em: 19 jan. 2006.

SANROMÁN, A. I. **A unidade lexicográfica. Palabras, colocações, frasesmas, pragmatemas.** Braga, Tese de doutorado. Faculdade de Ciências da Linguagem – Lingüística Aplicada, Universidade do Minho, 2000. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/dspace/bitstream/1822/4573/1/A_Unidade_Lexicografica.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2008.

SANTAMARÍA, P. I. **Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán.** Tese de doutorado . Faculdade de Filosofia e Letras. Universidade de Alicante, 2000. Disponível em : <<http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=6698#foro>>. Acesso em: 15 jan. 2008.

SARDINHA, T.B. Lingüística de corpus: Histórico e problemática. **Delta**, São Paulo, EDUC, v. 16, n. 2, 2000. p.323 – 367.
Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a05v16n2.pdf> >. Acesso em: 10 mar. 2008.

SCHMITZ, J. R. A problemática dos dicionários bilíngües. OLIVEIRA, A.; ISQUERDO A. (Org) **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**, Campo Grande: Editora UFMS, 2^a ed, 2001. p. 161-169.

SINCLAIR, J. **Corpus, Concordance, Collocation.** Oxford: Oxford University Press, 1991.

SNELL-HORNBY, M. Towards a learner's bilingual dictionary. COWIE, A. (Ed.) **The dictionary and the language learner**, Papers from the Euralex Seminar at the University of Leeds. Tübingen, Niemeyer, 1987. p. 159-170.

SUÁREZ CUADROS, J.S **Análisis comparativo de las unidades fraseológicas que incluyen algún zoomorfismo en los idiomas Ucraniano y Español.** Tese de doutorado. Estudios superiores de filología eslava y lingüística indoeuropea. Universidade de Granada, 2006. Disponível em: <<http://hera.ugr.es/tesisugr/16540955.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2008.

SVENSÉN, B. **Practical Lexicography: Principles and methods of Dictionary-Making.** Trad.: Sykes, J.; Schofield, K. New York: Oxford University Press, 1993.

TAGNIN, S.O. Os corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis: UFSC, nº 9, 2002. p. 191-213.

TOMASZCZYK, J. On bilingual dictionaries. The case for bilingual dictionaries for foreign language learners. HARTMANN, R. R. K. (Ed.) **Lexicography: Principles and Practice**, London: Academic Press, 1983. p. 41-52.

TOSQUI, P. O dicionário bilíngüe como ferramenta de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, v.40, jul / dez, 2002. p.101-114.

TRISTÁ PÉREZ, A. M. Fuentes de las unidades fraseológicas. **Sus modos de formación, en homenaje a Alejo Carpentier**, Universidad de la Habana, n. 223, set./ dez., 1984. p. 281-303.

_____. **Fraseología y contexto**. La Habana. Ciencias Sociales, 1988.

WELKER, H., A. **A apresentação de fraseologismos num dicionário alemão-português de verbos (e em seis outros dicionários)**. 118/3, 2002.

Disponível em: < <http://www.unb.br/il/let/welker/fraseo.doc>>. Acesso em: 06 jan. 2006

WELKER, H., A. **Dicionários - Uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

WERTHEIMER, A. M. Um estudo comparativo das expressões idiomáticas. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, março, 2004. p. 229-246.

XATARA, C. M. **As expressões idiomáticas de matriz comparativa**. Araraquara, 140p. Dissertação de Mestrado. Letras: Lingüística e Língua Portuguesa – Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista, 1994.

_____. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês**.

Araraquara, 253 p. Tese de Doutorado. Letras: Lingüística e Língua Portuguesa - Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista, 1998.

_____. Os Dicionários Bilíngües e o Problema da Tradução. OLIVEIRA, A. M. P. de.; ISQUERDO, A (Org.) **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**, Campo Grande: Ed. UFMS, 2ª ed., 2001. p. 181-188.

XATARA, C. M. , RIVA, H.C. e RIOS, T.H.C. As dificuldades na tradução de idiomatismos. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis:UFSC, n.8, v. 2, 2001. p. 183-194.

XATARA, C. M; RIOS, T.H.C. A elaboração de um dicionário de idiomatismos: da teoria à prática. **Estudos Lingüísticos XXXIV**, 2005. p 165-170. Disponível em: < <http://www.unicamp.br/iel/gel/4publica-estudos-2005-pdfs/a-elaboracao-de-um-dicionario-1349.pdf?SQMSESSID=a38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c>>. Acesso em 02 jan. 2006.

YEBRA, V. G. Ideas generales sobre la traducción. **Tradução e Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**, São Paulo, n. 2, março, 1983. p. 145-158.

ZANATTA, F. **Análise de dicionários de uso do espanhol e do português**. Monografia. Curso de graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em:
< <http://www6.ufrgs.br/termisul/biblioteca/TCCZanatta.pdf>> Acesso em: 10 dez. 2007.

ZAVAGLIA, C. Dicionário e cores. **Alfa**, São Paulo, 50(2), 2006. p 25-41.
Disponível em: <<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50-2/02-Zavaglia.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2008.

ZULUAGA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**, Bern, 1980.

_____. Análisis y traducción de unidades fraseológicas desautomatizadas. **PhiN**, 16/2001, p. 67-83.
Disponível em: <<http://www.fu-berlin.de/phin/phin16/p16t5.htm>> Acesso em: 05 jan. 2005.

_____. Los ´enlaces frecuentes` de María Moliner. Observaciones sobre las llamadas colocaciones”. **PhiN**, 22/2002. p. 56-74.
Disponível em: < <http://www.fu-berlin.de/phin/phin22/p22t3.htm>> Acesso em: 04 jan. 2005.

DICIONÁRIOS

GONZÁLEZ, M., MORENO, F. **Diccionario Bilingüe de Uso español-portugués / português-español**. Madrid: Arco/Libros, 2003.

MOLINER, M. **Diccionario de uso del español**. Edição em CD-ROM. Madrid: Gredos, 1996.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**: online. Disponível em:<www.rae.es> .

CORPUS

HUMBLÉ, PH. **Corpus de español / português**, UFSC, 1997/1998.

APÊNDICE A – LISTA DE IDIOMATISMOS PESQUISADOS

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	TRADUÇÃO	DATA DA PESQUISA DE OCORRÊNCIAS
1) Andar / ir de boca en boca; andar / ir en boca de todos	Andar de boca em boca, cair / estar na boca do povo	10/06/2007
2) A pedir de boca	Cair como uma luva, vir a calhar, de encomenda, melhor que a encomenda	16/06/2007
3) Hacerse la boca agua	Dar água na boca	13/06/2007
4) Calentarse / romperse la cabeza	Esquentar a cabeça, quebrar a cabeça	10/04/2007
5) Perder la cabeza	Perder a cabeça	11/03/2007
6) Irse de las manos	Escapar das mãos, fugir ao controle	18/05/2007
7) Poner la mano en el fuego	Pôr a mão no fogo	13/04/2007
8) Untar la mano	Molhar a mão, dar propina, subornar	21/03/2007
9) Buscarle tres / cinco pies al gato	Procurar pelo em ovo, procurar chifre em cabeça de cavalo	30/04/2007
10) No tener pies ni cabeza	Não ter pé nem cabeça	24/03/2007

APÊNDICE B – BOCA – FREQUÊNCIA DOS IDIOMATISMOS

BOCA - ANDAR / IR DE BOCA EN BOCA; ANDAR / IR EN BOCA DE TODOS

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Andar / correr / estar / ir / pasar de boca en boca	
De boca en boca	330.000
Andar de boca en boca	1.070
Anda de boca en boca	1.070
Andaba de boca en boca	376
Anduvo de boca en boca	109
	Total: 2.625
Correr de boca en boca	1.340
Corre de boca en boca	1.010
Corría de boca en boca	672
Corrió de boca en boca	738
	Total: 3.760
Estar de boca en boca	2.610
Está de boca en boca	4.240
Estaba de boca en boca	2.220
Estuvo de boca en boca	7
	Total: 9.077
Ir de boca en boca	3.230
Va de boca en boca	840
Iba de boca en boca	1.060
Fue de boca en boca	4.600
	Total: 9.730
Pasar de boca en boca	3.390
Pasa de boca en boca	3.220
Pasaba de boca en boca	1.270
Pasó de boca en boca	6.110
	Total: 13.990

Tabela 1

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA Andar/ correr/ estar/ ir pasar en boca de todos	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
En boca de todos	211.000
Andar en boca de todos Anda en boca de todos Andaba en boca de todos Anduvo en boca de todos	868 995 947 8 Total: 2.818
Correr en boca de todos Corre en boca de todos Corría en boca de todos Corrió en boca de todos	1 1.140 6 2 Total: 1.149
Estar en boca de todos Está en boca de todos Estaba en boca de todos Estuvo en boca de todos	15.000 64.800 794 7.710 Total: 88.304
Ir en boca de todos Va en boca de todos Iba en boca de todos Fue en boca de todos	0 2 3 1 Total: 6
Pasar en boca de todos Pasa en boca de todos Pasaba en boca de todos Pasó en boca de todos	0 0 0 0 Total: 0

Tabela 2

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA Andar/ correr/ estar/ ir/ pasar en boca del pueblo	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
En boca del pueblo	12.800
Andar en boca del pueblo Anda en boca del pueblo Andaba en boca del pueblo Anduvo en boca del pueblo	1 3 0 0 Total: 4
Correr en boca del pueblo Corre en boca del pueblo Corría en boca del pueblo Corrió en boca del pueblo	0 2 1 0 Total:3
Estar en boca del pueblo Está en boca del pueblo Estaba en boca del pueblo Estuvo en boca del pueblo	4 7 1 0 Total: 12
Ir en boca del pueblo Va en boca del pueblo Iba en boca del pueblo Fue en boca del pueblo	0 0 0 0 Total: 0
Pasar en boca del pueblo Pasa en boca del pueblo Pasaba en boca del pueblo Pasó en boca del pueblo	0 0 0 0 Total: 0

Tabela 3

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA Andar/ correr/ estar/ ir/ pasar en boca de todo el mundo	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
En boca de todo el mundo	17.200
Andar en boca de todo el mundo Anda en boca de todo el mundo Andaba en boca de todo el mundo Anduvo en boca de todo el mundo	3 258 2 1 Total: 264
Correr en boca de todo el mundo Corre en boca de todo el mundo Corría en boca de todo el mundo Corrió en boca de todo el mundo	0 0 3 0 Total: 3
Estar en boca de todo el mundo Está en boca de todo el mundo Estaba en boca de todo el mundo Estuvo en boca de todo el mundo	13.000 20.500 14.300 3.020 Total: 50.820
Ir en boca de todo el mundo Va en boca de todo el mundo Iba en boca de todo el mundo Fue en boca de todo el mundo	0 1 1 0 Total: 2
Pasar en boca de todo el mundo Pasa en boca de todo el mundo Pasaba en boca de todo el mundo Pasó en boca de todo el mundo	0 0 0 0 Total: 0

Tabela 4

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA Andar/ correr/ estar/ ir/ pasar en boca de la gente	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
En boca de la gente	533
Andar en boca de la gente Anda en boca de la gente Andaba en boca de la gente Anduvo en boca de la gente	2 4 3 0 Total: 9
Correr en boca de la gente Corre en boca de la gente Corría en boca de la gente Corrió en boca de	0 2 1 0 Total: 3
Estar en boca de la gente Está en boca de la gente Estaba en boca de la gente Estuvo en boca de la gente	22.400 33.500 4 1 Total: 55.905
Ir en boca de la gente Va en boca de la gente Iba en boca de la gente Fue en boca de la gente	0 1 0 0 Total: 1
Pasar en boca de la gente Pasa en boca de la gente Pasaba en boca de la gente Pasó en boca de la gente	0 0 0 0 Total: 0

Tabela 5

TRADUÇÃO Andar / circular / correr / espalhar / ir passar/ transmitir de boca em boca	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
De boca em boca	52.100
Andar de boca em boca Anda de boca em boca Andava de boca em boca Andou de boca em boca	527 451 222 128 Total: 1.328
Circular de boca em boca Circula de boca em boca Circulava de boca em boca Circulou de boca em boca	99 71 54 44 Total: 268
Correr de boca em boca Corre de boca em boca Corria de boca em boca Correu de boca em boca	231 593 403 396 Total: 1.623
Espalhar de boca em boca Espalha de boca em boca Espalhava de boca em boca Espalhou de boca em boca	4 3 3 5 Total: 15
Ir de boca em boca Vai de boca em boca Ia de boca em boca Foi de boca em boca	3 446 206 890 Total: 1545
Passar de boca em boca Passa de boca em boca Passava de boca em boca Passou de boca em boca	426 563 331 311 Total: 1.631
Transmitir de boca em boca Transmite de boca em boca Transmitia de boca em boca Transmitiu de boca em boca	3 3 2 1 Total: 9

Tabela 6

TRADUÇÃO Andar / cair / circular / correr / estar na boca do povo	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Na boca do povo	63.400
Andar na boca do povo Anda na boca do povo Andava na boca do povo Andou na boca do povo	250 274 9 2 Total: 535
Cair na boca do povo Cai na boca do povo Caía na boca do povo Caiu na boca do povo	1.200 809 1.110 1.470 Total: 4.589
Circular na boca do povo Circula na boca do povo Circulava na boca do povo Circulou na boca do povo	1 3 1 3 Total: 8
Correr na boca do povo Corre na boca do povo Corria na boca do povo Correu na boca do povo	1 115 4 1 Total: 121
Estar na boca do povo Está na boca do povo Estava na boca do povo Estar na boca do povo	779 759 459 7 Total: 2.004

Tabela 7

TRADUÇÃO Andar / cair / circular / correr / estar na boca de todos	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Na boca de todos	10.900
Andar na boca de todos Anda na boca de todos Andava na boca de todos Andou na boca de todos	8 320 4 2 Total: 334
Cair na boca de todos Cai na boca de todos Caía na boca de todos Caiu na boca de todos	4 1 0 2 Total: 7
Circular na boca de todos Circula na boca de todos Circulava na boca de todos Circulou na boca de todos	0 0 0 0 Total: 0
Correr na boca de todos Corre na boca de todos Corria na boca de todos Correu na boca de todos	0 1 1 0 Total: 2
Estar na boca de todos Está na boca de todos Estava na boca de todos Esteve na boca de todos	1.190 4.310 935 4 Total: 6.439

Tabela 8

TRADUÇÃO Andar / cair/ circular / correr/ estar na boca de todo mundo	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Na boca de todo mundo	4.990
Andar na boca de todo mundo Anda na boca de todo mundo Andava na boca de todo mundo Andou na boca de todo mundo	0 5 1 1 Total: 7
Cair na boca de todo mundo Cai na boca de todo mundo Caía na boca de todo mundo Caiu na boca de todo mundo	0 1 0 1 Total: 2
Circular na boca de todo mundo Circula na boca de todo mundo Circulava na boca de todo mundo Circulou na boca de todo mundo	0 0 0 0 Total: 0
Correr na boca de todo mundo Corre na boca de todo mundo Corria na boca de todo mundo Correu na boca de todo mundo	0 1 1 0 Total: 2
Estar na boca de todo mundo Está na boca de todo mundo Estava na boca de todo mundo Esteve na boca de todo mundo	4 1.670 6 0 Total: 1.680

Tabela 9

BOCA - A PEDIR DE BOCA

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA A pedir de boca	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
A pedir de boca	83.900

Tabela 1

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA A qué quieres boca	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
A qué quieres boca	85

Tabela 2

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA Caer / estar / quedar / venir como anillo al dedo	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Como anillo al dedo	292.000
Caer como anillo al dedo Cae como anillo al dedo Caía como anillo al dedo Cayó como anillo al dedo	476 18.900 335 9.230 Total: 28.941
Estar como anillo al dedo Está como anillo al dedo Estaba como anillo al dedo Estuvo como anillo al dedo	2 1.120 3 2 Total: 1.127
Quedar como anillo al dedo Queda como anillo al dedo Quedaba como anillo al dedo Quedó como anillo al dedo	556 13.200 515 1.400 Total: 15.671
Venir como anillo al dedo Viene como anillo al dedo Venía como anillo al dedo Vino como anillo al dedo	1.300 69.800 827 14.400 Total: 86.327

Tabela 3

TRADUÇÃO Assentar/ cair/ calhar/ encaixar/ servir/ vestir como uma luva	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Assentar como uma luva Assenta como uma luva Assentava como uma luva Assentou como uma luva	244 22.700 383 175 Total: 23.502
Cair como uma luva Cai como uma luva Caía como uma luva Caiu como uma luva	17.000 18.400 878 129.000 Total: 165.278
Calhar como uma luva Calha como uma luva Calhava como uma luva Calhou como uma luva	5 18 1 5 Total: 29
Encaixar como uma luva Se encaixa como uma luva Se encaixava como uma luva Se encaixou como uma luva	579 12.400 168 610 Total: 13.757
Servir como uma luva Serve como uma luva Servía como uma luva Serviu como uma luva	921 9.120 110 9.210 Total: 19.361
Vestir como uma luva Veste como uma luva Vestia como uma luva Vestiu como uma luva	35 514 4 51 Total: 604

Tabela 4

TRADUÇÃO Vir (bem / mesmo) a calhar	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Vir a calhar Vem a calhar Vinha a calhar Veio a calhar	2.610 18.100 9.450 18.000 Total: 48.160
Vir bem a calhar Vem bem a calhar Vinha bem a calhar Veio bem a calhar	387 24.100 272 16.400 Total: 41.159
Vir mesmo a calhar Vem mesmo a calhar Vinha mesmo a calhar Veio mesmo a calhar	94 27.600 17.600 17.000 Total: 62.294

Tabela 5

TRADUÇÃO Melhor que a encomenda	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Melhor que a encomenda	10.100

Tabela 6

TRADUÇÃO De encomenda	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
De encomenda	1.210.000

Tabela 7

BOCA - HACERSE LA BOCA AGUA

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA Hacerse la boca agua / agua la boca	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Hacerse la boca agua Hace la boca agua Hacía la boca agua Hizo la boca agua	490 62.200 673 686 Total: 64.049
Hacerse agua la boca Hace agua la boca Hacía agua la boca Hizo agua la boca	211 45.800 655 13.700 Total: 60.366

Tabela 1

TRADUÇÃO Dar água na boca	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Dar água na boca Dá água na boca Dava água na boca Deu água na boca	89.800 20.500 505 11.900 Total: 122.705

Tabela 2

TRADUÇÃO Deixar / ficar com água na boca	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Deixar com água na boca Deixa com água na boca Deixava com água na boca Deixou com água na boca	901 651 84 11.200 Total: 12.836
Ficar com água na boca Fica com água na boca Ficava com água na boca Ficou com água na boca	18.400 1.530 310 788 Total: 21.028

Tabela 3

APÊNDICE C – CABEZA – FREQUÊNCIA DOS IDIOMATISMOS

CABEZA - CALENTARSE / ROMPERSE LA CABEZA

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Calentarse / romperse / quebrarse la cabeza	
Calentarse la cabeza	10.900
Se calienta la cabeza	119
Se calentaba la cabeza	32
Se calentó la cabeza	23
Se le calienta la cabeza	54
Se le calentaba la cabeza	0
Se le calentó la cabeza	34
Calienta la cabeza	520
Calentaba la cabeza	110
Calentó la cabeza	206
	Total: 11.998
Romperse la cabeza	
Romperse la cabeza	35.500
Se rompe la cabeza	579
Se rompía la cabeza	96
Se rompió la cabeza	381
Se le rompe la cabeza	18
Se le rompía la cabeza	3
Se le rompió la cabeza	17
Rompe la cabeza	18.100
Rompía la cabeza	384
Rompió la cabeza	11.900
	Total: 66.978
Quebrarse la cabeza	
Quebrarse la cabeza	634
Se quebra la cabeza	5
Se quebraba la cabeza	18
Se quebró la cabeza	96
Se le quebra la cabeza	0
Se le quebraba la cabeza	0
Se le quebró la cabeza	0
Quebra la cabeza	16
Quebraba la cabeza	77
Quebró la cabeza	156
	Total: 1.002

Tabela 1

TRADUÇÃO Esquentar / quebrar a cabeça	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Esquentar a cabeça Esquenta a cabeça Esquentava a cabeça Esquentou a cabeça	16.100 825 48 54 Total: 17.027
Quebrar a cabeça Quebra a cabeça Quebrava a cabeça Quebrou a cabeça	32.300 787 88 353 Total: 33.528

Tabela 2

TRADUÇÃO Esquentar / fundir / quebrar a cuca	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Esquentar a cuca Esquenta a cuca Esquentava a cuca Esquentou a cuca	399 205 2 2 Total: 608
Fundir a cuca Funde a cuca Fundia a cuca Fundiu a cuca	500 359 4 231 Total: 1.094
Quebrar a cuca Quebra a cuca Quebrava a cuca Quebrou a cuca	489 90 2 3 Total: 584

Tabela 3

TRADUÇÃO Queimar os neurônios	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Queimar os neurônios Queima os neurônios Queimava os neurônios Queimou os neurônios	464 66 6 68 Total: 604

Tabela 4

CABEZA - PERDER LA CABEZA

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA Perder la cabeza	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Perder la cabeza	139.000
Pierde la cabeza	43.600
Perdía la cabeza	362
Perdió la cabeza	23.700
	Total: 206.662

Tabela 1

TRADUÇÃO Perder a cabeça	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Perder a cabeça	59.500
Perde a cabeça	20.000
Perdia a cabeça	263
Perdeu a cabeça	26.400
	Total: 106.163

Tabela 2

APÊNDICE D – MANO – FREQUÊNCIA DOS IDIOMATISMOS

MANO – IRSE DE LAS MANOS

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Irse de la(s) mano(s)	
Irse de las manos	24.600
Se va de las manos	57.100
Se iba de las manos	11.100
Se fue de las manos	12.100
	Total: 104.900
Irse de la mano	40.800
Se va de la mano	95.100
Se iba de la mano	16.400
Se fue de la mano	89.600
	Total: 241.900
Se me va de las manos	12.900
Se me iba de las manos	7.240
Se me fue de las manos	18.600
	Total: 38.740
Se le va de las manos	20.900
Se le iba de las manos	910
Se le fue de las manos	34.300
	Total: 56.110
Se nos va de las manos	14.100
Se nos iba de las manos	1.100
Se nos fue de las manos	17.600
	Total: 32.800
Se me va de la mano	5.990
Se me iba de la mano	5
Se me fue de la mano	12.000
	Total: 17.995
Se le va de la mano	20.200
Se le iba de la mano	3
Se le fue de la mano	18.700
	Total: 38.903
Se nos va de la mano	7.460
Se nos iba de la mano	1
Se nos fue de la mano	2.700
	Total: 10.161

Tabela 1

TRADUÇÃO Escapar da(s) mão(s)	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Escapar das mãos Escapa das mãos Escapava das mãos Escapou das mãos	3.270 4610 242 1620 Total: 9.742
Escapar da mão Escapa da mão Escapava da mão Escapou da mão	4.800 592 246 1.730 Total: 7.368

Tabela 2

TRADUÇÃO Escapar do controle	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Escapar do controle Escapa do controle Escapava do controle Escapou do controle	593 961 75 593 Total: 2.222

Tabela 3

TRADUÇÃO Fugir ao/do controle	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Fugir ao controle Foge ao controle Fugia ao controle Fugiu ao controle	2.840 5.450 413 2.170 Total: 10.873
Fugir do controle Foge do controle Fugia do controle Fugiu do controle	4.720 3.950 188 630 Total: 9.488

Tabela 4

MANO – UNTAR LA MANO

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA Untar la(s) mano(s)	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Untar la mano Unta la mano Untaba la mano Untó la mano	1.820 618 3 582 Total: 3.023
Untar las manos Unta las manos Untaba las manos Untó las manos	929 294 10 505 Total: 1.738

Tabela 1

TRADUÇÃO Molhar a(s) mão(s)	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Molhar a mão Molha a mão Molhava a mão Molhou a mão	773 125 22 76 Total: 996
Molhar as mãos Molha as mãos Molhava as mãos Molhou as mãos	1.690 335 9 341 Total: 2.375

Tabela 2

APÊNDICE E – PIE – FREQUÊNCIA DOS IDIOMATISMOS

PIE - BUSCARLE TRES / CINCO PIES AL GATO

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA Buscarle (los) tres / cinco pies al gato	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Buscarle tres pies al gato Le busca tres pies al gato Le buscaba tres pies al gato Le buscó tres pies al gato Busca tres pies al gato Buscaba tres pies al gato Buscó tres pies al gato	16.800 34 2 36 61 5 336 Total: 17.274
Buscarle cinco pies al gato Le busca cinco pies al gato Le buscaba cinco pies al gato Le buscó cinco pies al gato Busca cinco pies al gato Buscaba cinco pies al gato Buscó cinco pies al gato	623 1 0 1 27 0 3 Total: 655
Buscarle los tres pies al gato Le busca los tres pies al gato Le buscaba los tres pies al gato Le buscó los tres pies al gato Busca los tres pies al gato Buscaba los tres pies al gato Buscó los tres pies al gato	2.880 94 5 249 5 1 65 Total: 3.299
Buscarle los cinco pies al gato Le busca los cinco pies al gato Le buscaba los cinco pies al gato Le buscó los cinco pies al gato Busca los cinco pies al gato Buscaba los cinco pies al gato Buscó los cinco pies al gato	162 3 1 1 2 1 0 Total: 170

Tabela 1

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA Buscarle (las) tres / cinco patas al gato	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Buscarle tres patas al gato Le busca tres patas al gato Le buscaba tres patas al gato Le buscó tres patas al gato Busca tres patas al gato Buscaba tres patas al gato Buscó tres patas al gato	346 0 0 5 2 0 0 Total: 353
Buscarle las tres patas al gato Le busca las tres patas al gato Le buscaba las tres patas al gato Le buscó las tres patas al gato Busca las tres patas al gato Buscaba las tres patas al gato Buscó las tres patas al gato	179 1 0 1 0 0 0 Total: 181
Buscarle cinco patas al gato Le busca cinco patas al gato Le buscaba cinco patas al gato Le buscó cinco patas al gato Busca cinco patas al gato Buscaba cinco patas al gato Buscó cinco patas al gato	456 1 0 1 2 1 0 Total: 461
Buscarle las cinco patas al gato Le busca las cinco patas al gato Le buscaba las cinco patas al gato Le buscó las cinco patas al gato Busca las cinco patas al gato Buscaba las cinco patas al gato Buscó las cinco patas al gato	384 7 0 2 3 0 0 Total: 396

Tabela 2

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA Buscarle la quinta pata al gato	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Buscarle la quinta pata al gato	674
Le busca la quinta pata al gato	386
Le buscaba la quinta pata al gato	3
Le buscó la quinta pata al gato	34
Busca la quinta pata al gato	131
Buscaba la quinta pata al gato	0
Buscó la quinta pata al gato	204
	Total: 1.432

Tabela 3

TRADUÇÃO Achar / buscar / encontrar / procurar / ver pêlo em ovo	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Achar pêlo em ovo	515
Acha pêlo em ovo	46
Achava pêlo em ovo	1
Achou pêlo em ovo	1
	Total: 563
Buscar pêlo em ovo	24
Busca pêlo em ovo	1
Buscava pêlo em ovo	1
Buscou pêlo em ovo	0
	Total: 26
Encontrar pêlo em ovo	57
Encontra pêlo em ovo	3
Encontrava pêlo em ovo	0
Encontrou pêlo em ovo	1
	Total: 61
Procurar pêlo em ovo	660
Procura pêlo em ovo	124
Procurava pêlo em ovo	1
Procurou pêlo em ovo	2
	Total: 787
Ver pêlo em ovo	62
Vê pêlo em ovo	27
Via pêlo em ovo	0
Viu pêlo em ovo	2
	Total: 91

Tabela 4

TRADUÇÃO Achar / buscar / encontrar / procurar / ver cabelo em ovo	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Achar cabelo em ovo Acha cabelo em ovo Achava cabelo em ovo Achou cabelo em ovo	180 3 0 0 Total: 183
Buscar cabelo em ovo Busca cabelo em ovo Buscava cabelo em ovo Buscou cabelo em ovo	1 1 0 0 Total: 2
Encontrar cabelo em ovo Encontra cabelo em ovo Encontrava cabelo em ovo Encontrou cabelo em ovo	35 1 0 1 Total: 37
Procurar cabelo em ovo Procura cabelo em ovo Procurava cabelo em ovo Procurou cabelo em ovo	324 46 0 2 Total: 372
Ver cabelo em ovo Vê cabelo em ovo Via cabelo em ovo Viu cabelo em ovo	20 9 0 1 Total: 30

Tabela 5

TRADUÇÃO Achar / buscar / encontrar / procurar / ver chifre em cabeça de cavalo	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Achar chifre em cabeça de cavalo Acha chifre em cabeça de cavalo Achava chifre em cabeça de cavalo Achou chifre em cabeça de cavalo	147 3 0 1 Total: 151
Buscar chifre em cabeça de cavalo Busca chifre em cabeça de cavalo Buscava chifre em cabeça de cavalo Buscou chifre em cabeça de cavalo	13 1 0 0 Total: 14
Encontrar chifre em cabeça de cavalo Encontra chifre em cabeça de cavalo Encontrava chifre em cabeça de cavalo Encontrou chifre em cabeça de cavalo	71 1 0 0 Total: 72
Procurar chifre em cabeça de cavalo Procura chifre em cabeça de cavalo Procurava chifre em cabeça de cavalo Procurou chifre em cabeça de cavalo	705 76 1 1 Total: 783
Ver chifre em cabeça de cavalo Vê chifre em cabeça de cavalo Via chifre em cabeça de cavalo Viu chifre em cabeça de cavalo	150 74 2 3 Total: 229

Tabela 6

PIE - NO TENER PIES NI CABEZA

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
No tener (ni) pie(s) ni cabeza	
No tener ni pies ni cabeza	1.180
No tiene ni pies ni cabeza	57.800
No tenía ni pies ni cabeza	10.800
No tuvo ni pies ni cabeza	264
	Total: 69.982
No tener ni pie ni cabeza	3
No tiene ni pie ni cabeza	1.220
No tenía ni pie ni cabeza	59
No tuvo ni pie ni cabeza	2
	Total: 1.280
No tener pies ni cabeza	507
No tiene pies ni cabeza	28.800
No tenía pies ni cabeza	1.300
No tuvo pies ni cabeza	57
	Total: 30.664
No tener pie ni cabeza	2
No tiene pie ni cabeza	254
No tenía pie ni cabeza	4
No tuvo pie ni cabeza	1
	Total: 261

Tabela 1

EXPRESSÃO IDIOMÁTICA	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Sin pie(s) ni cabeza	
Sin pies ni cabeza	62.100
Sin pie ni cabeza	2.780

Tabela 2

TRADUÇÃO Não ter pé(s) nem cabeça	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Não ter pé nem cabeça Não tem pé nem cabeça Não tinha pé nem cabeça Não teve pé nem cabeça	146 3.940 305 6 Total: 4.397
Não ter pés nem cabeça Não tem pés nem cabeça Não tinha pés nem cabeça Não teve pés nem cabeça	121 3.230 349 9 Total: 3.709

Tabela 3

TRADUÇÃO Sem pé(s) nem cabeça	OCORRÊNCIAS DO GOOGLE
Sem pés nem cabeça Sem pé nem cabeça	8.150 140.000

Tabela 4